

VANESSA OLIVEIRA DOS SANTOS NUNES

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DO ENSINO SUPERIOR E DA GESTÃO
ACADÊMICA



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2025

VANESSA OLIVEIRA DOS SANTOS NUNES

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DO ENSINO SUPERIOR E DA GESTÃO
ACADÊMICA

Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Dr. Manuel Célio Conceição



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2024

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DO ENSINO SUPERIOR E DA GESTÃO ACADÊMICA

Declaração de autoria

Declaro ser a autora desta dissertação intitulada Variação Terminológica no Domínio do Ensino Superior e da Gestão Acadêmica, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados são devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluídas.

©2025 Vanessa Oliveira dos Santos Nunes. Universidade do Algarve.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

Ficha Catalográfica

Universidade do Algarve

Biblioteca da Universidade do Algarve

Universidade do Algarve. Biblioteca da Universidade do Algarve.

Nunes Santos, Vanessa Oliveira

Variação Terminológica no Domínio do Ensino Superior e da Gestão Acadêmica/Vanessa Oliveira dos Santos Nunes. - Algarve, 2025.

88p.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Algarve, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Manuel Célio Conceição.

1. Terminologia 2. Terminografia 3. Variantes terminológicas

4. PB e PT

Agradecimentos

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão ao Prof. Dr. Manuel Célio Conceição, que desde o início do meu percurso na Universidade do Algarve, sempre esteve presente, e igualmente inspirador, solícito e paciente. Obrigada pela atenção e interesse pelas minhas escolhas acadêmicas. Além disso, é claro, agradeço também a orientação rigorosa e apontamentos decisivos nesta investigação, mesmo com múltiplos afazeres exigidos pela universidade em seu dia a dia.

Dito isso, aproveito para agradecer ao Prof. Dr. Pedro Manuel Trindade Cordeiro dos Santos e à Profa. Dra. Maria de Fátima Roxo Leite de Sousa de Noronha pelas disciplinas que ministraram neste meu percurso, as quais igualmente reforçaram e guiaram meu caminho nesta pesquisa.

Aos colegas de curso, agradeço pelas conversas e desabafos nos momentos de dificuldade e de reflexão, especialmente à Sandra Ponte Rodrigues por todo apoio, atenção e carinho.

Igualmente, sou grata àqueles que estão fora do mundo acadêmico, porém, são eles que sempre torcem por mim e me apoiam em minhas decisões. Minha mãe, Rita; minhas irmãs e meu irmão: Cristina, Rayana e Jonathan Felipe; meu padrasto, Edvaldo. Igualmente agradeço ao meu esposo, Ronaldo, pelo apoio durante esse período de estudos e por sua presença e serenidade.

Agradeço ainda a todos os membros do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Algarve por tornar tudo isso possível.

“...em todos os discursos existe a presença do homem na linguagem, também neste âmbito, o da comunicação profissional, técnica e científica, é necessário considerar duas polaridades, entre o especializado e o não especializado, estando as emoções presentes em ambos.”
(Conceição, 2018: p.33)

Resumo

Este trabalho trata de um estudo sobre a variação terminológica no domínio do ensino superior e da gestão universitária nas variantes de português do Brasil (PB) e de Portugal (PE). Esta investigação orienta-se a partir do pressuposto teórico-metodológico da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), (Cabré, 1999), bem como da Linguística de *Corpus*. Aplica-se ainda o modelo teórico da variação terminológica de Freixa (2002; 2005; 2013; 2014). Com base nessas perspectivas teóricas, o estudo analisa um *corpus* em PE com apoio em um segundo *corpus* em PB com características específicas: trata-se de textos disponibilizados em *sites* de instituições de ensino superior (IES) com o objetivo de orientar os novos alunos a respeito dos procedimentos e rotina relacionados à vida universitária. De outra maneira, os *corpora* foram compilados, primordialmente, com guias de aluno em português do Brasil (PB) e português europeu (PE). A investigação tem como ponto central identificar, analisar e apresentar os fenômenos mais relevantes para a variação terminológica denominativa a partir de seus contextos

Palavras-chave: variação linguística, terminologia, variação terminológica denominativa, tradução intralinguística, equivalência.

Abstract

This work focuses on a study of terminological variation within the domain of higher education and university management in the Brazilian Portuguese and European Portuguese variants. The research is guided by the theoretical and methodological principles of the Communicative Theory of Terminology (CTT), (Cabré, 1999) and incorporates elements of *Corpus* Linguistics. Based on these theoretical foundations, the study analyzes a *corpus* in European Portuguese, supported by a second *corpus* in Brazilian Portuguese with specific characteristics: it consists of texts available on websites of higher education institutions (HEIs) designed to guide new students regarding procedures and routines associated with university life. The central objective of this research is to identify, analyze, and present the most relevant phenomena of denominative terminological variation based on their contexts.

Keywords: linguistic variation, terminology, denominative variation in terminology, intralingual translation, equivalence.

Índice de figuras

Figura 1 - Classificação formal da variação denominativa de Freixa 2002 (apud Isquierdo & Dal Corno: 2014: 316-317).	37
Figura 2 - Imagem extraída do ISO 1087:2019.	42
Figura 3. Detalhes dos termos apresentados no glossário (2011).	42
Figura 4. Detalhes dos termos apresentados no glossário (2011).	42
Figura 5 - Wordlist em PE gerada semiautomaticamente para extração de candidatos a termo das primeiras cem ocorrências.	59
Figura 6 - Imagens das unidades léxicas complexas PB visualizadas no Sketch Engine a partir do Keywords por Multiword Terms (MWTs).	61
Figura 7 - Imagens das unidades léxicas complexas PE visualizadas no Sketch Engine a partir do Keywords por Multiword Terms (MWTs). Incluir freq..rel	63
Figura 8 - Primeira listagem geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch.	64
Figura 9 - Segunda listagem por geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch.	65
Figura 10 - Resultado do concordance com o candidato a termo “universidade de acolhimento”.	66
Figura 11 - Listagem por geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch no corpus de referência.	67
Figura 12 - Imagem do recurso relative frequency por milhão de palavras (frequência relativa) no Sketch Engine.	68

Índice de tabelas

Tabela 1 - Esquema inspirado nas causas da variação terminológica de Freixa, 2002 (2013: 39).	30
Tabela 2 - Tabela empírica de unidades lexicais realizada antes da análise dos corpora.....	49
Tabela 3 - Segunda tabela com os termos selecionados a partir do corpus.	70

Lista de abreviaturas e siglas de descrição linguística

PB - Português Brasileiro¹

PE - Português Europeu

TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia

ATT - Acessibilidade Textual e Terminológica

IES - Instituições de Ensino Superior

DT - Definições terminológicas

BrE - Inglês britânico

AmE - Inglês estadunidense

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

KWIC - *Key Word in Context*

KRC - *Knowledge Reach Context*

UL - Unidade lexical

UT - Unidade terminológica

TGT - Teoria Geral Terminologia

UTCs - Unidades terminológicas complexas

ISO - Organização Internacional para a Padronização

¹ A siglas PB (português brasileiro) e PE (português europeu) estão de acordo com as orientações da REALITER (Rede Panlatina de Terminologia).

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	18
2.1. A variação.....	18
2.2. A variação em Linguística Geral	18
2.3. A variação em Terminologia.....	21
2.4. Diferença entre unidade lexical e unidade terminológica	24
2.5. Variação conceitual	25
2.6. Variação denominativa	27
2.7. Algumas abordagens teóricas sobre a variação terminológica.....	28
2.8. A equivalência em tradução.....	38
2.9. A equivalência em Terminologia.....	41
2.9.1. Equivalência interlinguística e intralinguística	46
2.9.2. Síntese	47
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	48
3.1. Delimitação e estruturação do domínio.....	50
3.2 Coleta de dados	51
3.3. <i>Corpus</i> textual	52
3.4. Dados quantitativos dos <i>corpora</i> monolíngues.....	56
3.4.1. Extração, filtragem por categoria gramatical e identificação de candidatos a termo	57
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS UNIDADES TERMINOLÓGICAS	69
4.1. Análise das unidades terminológicas.....	69
4.2. Síntese	81
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO.....	82
5.1. Respostas da investigação	83
5.2. Limites da investigação	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Nossa investigação surgiu a partir da curiosidade empírica de entender os fenômenos linguísticos que causam a variação linguística e terminológica entre as principais línguas de trabalho da investigadora. É muito curioso ouvir falantes nativos e não nativos de português e inglês tecerem comentários e observações tão distintas ao observarem a variação entre os lusófonos e anglófonos de diferentes regiões do mundo.

Para contextualizar melhor, a impressão corrente entre os lusófonos é que as variantes de português brasileiro (PB) e europeu (PE) são, no geral, muito distintas. Isso na percepção de ambas as variantes. Já ao conversar com os anglófonos – nativos e não nativos – afirmam perceber poucas diferenças entre as variantes de inglês britânico (BrE) e inglês estadunidense (AmE).

Este fato aguçou a curiosidade e instigou esta busca para entender como as ciências da linguagem, de maneira geral, e a terminologia, de maneira mais específica estudam tal fenômeno e, conseqüentemente como ele pode ser explicado, analisado e organizado a partir da análise da variação notada em determinados contextos da vida universitária. No entanto, para enquadrar esta investigação dentro de um recorte viável para um estudo de 2º ciclo, focou-se somente nas variantes de língua portuguesa.

Paralelamente a essa percepção pessoal, objetivou-se identificar os candidatos a termo dentre as variantes encontradas nos discursos da vida universitária, bem como entender como tornar tais discursos – originalmente elaborados em português brasileiro (PB) e/ou português europeu (PE) - mais acessíveis e diretos para que alunos(as), professores(as), e outros(as) envolvidos(as) no ensino superior. Com isso, se busca criar um glossário com os termos encontrados na pesquisa, os quais possam ser inseridos em materiais informativos como guias e manuais de aluno(a) inicialmente.

A circulação de informação e pessoas existente entre Brasil e Portugal - e demais países de língua portuguesa - já é secular. O fato de compartilharmos o mesmo idioma já gerou até mesmo acordos diplomáticos de circulação, não só de pessoas como também de conhecimento como se viu com o acordo da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), ou seja, a Declaração Constitutiva da CPLP (Lisboa/1996) que tem como objetivo *“dinamizar e aprofundar a cooperação no domínio universitário, na formação profissional e nos diversos setores de investigação científica e tecnologia para uma*

crecente valorização dos seus recursos humanos e naturais, bem como promover e reforçar as políticas de formação de quadros.”.

Tal fato demonstra a intenção e necessidade dos governos em aproximar as nações que compartilham a mesma língua. Consequentemente, tanto esta aproximação linguística como a facilidade nos processos burocráticos colaboram com a escolha de muitos estudantes, sobretudo brasileiros, de iniciar ou continuar sua educação formal nas instituições de ensino superior portuguesas. No entanto, um elemento crucial que se deve levar em conta quando da decisão de estudar no exterior ou de divulgar seus recursos humanos e científicos além-mar, neste caso, localiza-se na compreensão da terminologia empregada nos contextos de comunicação mais comuns em que se busca realizar tais atividades uma vez que a falta deste conhecimento pode causar ruídos e interpretações desnecessárias aos processos.

De um lado, há os candidatos às vagas de graduação, mestrado ou doutorado que precisam conhecer e dominar termos menos evidentes como “ECTS” e “frequência”, os quais confundem e não são autoexplicativos, ou seja, são formas linguísticas que podem não ativar nenhum conceito como no caso de ECTS ou causar ruído e mal-entendidos como de “frequência” ou “propina”.

De outro lado, estão as universidades portuguesas que aparentemente entendem que o Brasil é um mercado lusófono gigantesco, cujos estudantes podem se desenvolver profissional e academicamente bem como ampliar e aplicar seus conhecimentos em território português. Contudo, é necessário divulgar seus cursos e benefícios de maneira clara e eficiente, com pouca margem para ambiguidades e mal-entendidos com um discurso acessível mesmo para um público que compartilha a mesma língua, cada qual dentro de sua variante linguística.

Em nosso recorte, o foco principal é desfazer as ambiguidades e evitar a inacessibilidade dos discursos presentes no domínio da vida e gestão acadêmica focado no aluno e investigador em mobilidade acadêmica. Neste sentido, encontra-se o estudo desta área sob a ótica comunicacional, como mencionado. Por consequência, a variação terminológica acaba por ser um dos objetos centrais em análise.

Faz pouco tempo que se estudava a variação terminológica a partir da ótica monolíngue e de interdomínios. No entanto, atualmente, já se entende a importância desse tipo de investigação inclusive através da perspectiva multilíngue, uma vez que contribui

para os estudos de tradução, no sentido *lato*. Nossa abordagem lida, como já se viu acima, com a variação terminológica intralinguística. Entende-se tradução intralinguística como Conceição (1994: 35), sendo *o processo de banalização e vulgarização de conhecimentos especializados feitos com ajuda de reformulações discursivas*. Como se pode notar, à nossa investigação acresce-se o valor de se tratar de um trabalho que pode igualmente ser inserido nos estudos da tradução, uma vez que se insere na tradução intralinguística. A este respeito Zethsen & Hill-Madsen (2016) enfatizam:

If interlingual translation consists in the transcending of a linguistic barrier, i.e. between two different language systems, INTRA must be defined as the crossing of a language-internal barrier. It therefore appears to us that INTRA should – in the first instance, at least – be identified with rewriting between different varieties of the same language, e.g. dialectal (social and/or regional), temporal (i.e. between diachronic varieties) or functional (i.e. between different genres). Examples would thus include the subtitling or geographically peripheral dialects in the standard variety (dialectal INTRA), modern-language versions of pre-modern literature such as Shakespeare or Chaucer (diachronic INTRA), and the rewriting of specialized LSP texts for a lay readership (intergeneric INTRA). Summarising for a new target audience would also belong in this latter category [...] (Idem, 2016: 693).

Este trabalho adota o referencial teórico basilar da Terminologia Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1993), com destaque para o Princípio da Adequação (Cabré, 1999; Lázaro, 2020), bem como da Linguística de *Corpus* no âmbito metodológico (*Key Word in Context/KWIC*; *Knowledge Reach Context/KRC*). Com o foco em sua base teórica conceitual que tem como objetivo principal a comunicação efetiva, a qual se entende que deva partir de um domínio, neste caso, a vida universitária, como mencionado. Com o objetivo de compreender as variantes de tal domínio e elaborar definições e posteriormente uma proposta de glossário supramencionado.

Quanto ao objeto de análise, trata-se de dois *corpora*: um em PB e outro em PE. Parte-se da análise de materiais que circulam nas universidades, preparados para os(as) novos(as) alunos(as) desde manuais e guias de alunos, código de conduta discente, e

poucos documentos oficiais, como regulamentos relacionados ao domínio em questão, como estatuto do discente, do Brasil e Portugal.

Isso demonstra a relevância do conhecimento das terminologias em determinados contextos, neste caso, contextos internacionais em que variantes linguísticas convivem. De outra forma, ressalta-se a importância da equivalência no discurso e de seus conceitos e não apenas de formas linguísticas.

Dessa maneira, embora nossa abordagem seja comunicativa, reforça-se a pertinência da precisão terminológica em documentos e textos de especialidade, sobretudo, no que tange a documentos que circulam e impactam a vida das pessoas, especialmente, neste caso, dos estudantes em mobilidade e dos profissionais responsáveis por esta área na comunidade correspondente. Adicionalmente, justifica-se a inserção desta investigação em Terminologia, pois, a terminologia é “*considerada como um instrumento de comunicação, incidindo sobre a natureza dos conceitos, as relações e as ligações conceptuais, a descrição ou definição dos conceitos, a formação dos termos, a normalização e a internacionalização dos conceitos e termos*” (Contente, 2008: 254).

Com foco na problemática acima detalhada, estabeleceram-se os seguintes objetivos.

Objetivos gerais e específicos

Assim, este estudo tem como objetivos gerais:

- Identificar, analisar e apresentar os fenômenos mais relevantes para a variação terminológica denominativa intralinguística a partir de seus contextos nos *corpora* analisados.
- Mediar a comunicação do discurso especializado no âmbito universitário.

Objetivos específicos:

- Analisar a produção discursiva textual em PB e PE relativa ao domínio Ensino Superior e subdomínio Vida e Gestão Universitária.
- Estabelecer equivalências a partir da variação denominativa em PB e PE a partir da análise textual dos *corpora*.

Questão desta investigação

Para alcançar esses objetivos delinear-se a seguinte questão de investigação:

1. Das variantes dialetais da língua portuguesa - facilmente identificadas, mas pouco autoexplicativas no contexto da vida universitária - quais são variantes terminológicas que provocam ruído na recepção da mensagem?

Etapas da metodologia de investigação

Para responder a esta questão, estabeleceram-se as seguintes etapas metodológicas:

1. Seleção dos documentos e compilação de *corpus*.
2. Análise de *corpus* à luz do referencial teórico-metodológico para identificar, analisar e apresentar os fenômenos mais relevantes para a variação terminológica denominativa intralinguística a partir de seus contextos nos *corpora* analisados

CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

2.1. A variação

A variação constitui-se como sendo uma característica inerente das línguas naturais; portanto, está presente em todos os discursos, inclusive no discurso especializado como as três últimas décadas de estudos sobre o tema vêm demonstrando. Como é sabido, a variação terminológica foi excluída da Teoria Geral da Terminologia, baseada nos estudos de Eugen Wüster (1931). No entanto, este campo teórico, viu a sua virada de perspectiva nas últimas décadas, sobretudo, com os trabalhos de M. Teresa Cabré (1993), os quais desabrocham a problemática sobre a variação, bem como os trabalhos de Conceição (1994; 2001; 2005) que destacam que *não se pode ignorar a relação entre o termo e as condições sociogeográficas* intrínsecas à sua produção e uso. Em seguida, este tema também é abordado por Enilde Faulstich (1995; 2001) e, posteriormente, detalhado e expandido por Judit Freixa (2002; 2005; 2013; 2014).

Neste capítulo, apresenta-se um panorama da variação em Linguística Geral (LG), seguido por apreciação da variação terminológica em Terminologia Textual com suas duas expressões principais: a variação a partir do ponto de vista linguístico formal e conceitual.

2.2. A variação em Linguística Geral

De um modo poético, podíamos dizer que a língua, como todas as formas de comportamento do ser humano, palpita, cresce, torna-se flexível e colorida, expande-se, enfim, vive. E isso só acontece porque usamos a língua para comunicar com os outros e conosco mesmos. O mais admirável é que, com poucas dezenas de sons, todas as pessoas podem construir, em qualquer língua do mundo, uma infinidade de expressões que revelam aos outros o que pensam, o que imaginam e o que sentem. E como todo ser humano muda durante a vida – embora nem sempre sinta essa mudança –, também a língua que nos acompanha muda e se adapta às nossas necessidades, mantendo, no entanto, a sua identidade (Mateus & Cardeira, 2007: 43).

Desde os primórdios do estabelecimento da Linguística como disciplina científica, cujo objetivo central localiza-se nas línguas naturais, com seu marco inaugural no *Curso de Linguística Geral* de 1916, de autoria dos alunos de Ferdinand de Saussure (*Cours de Linguistique Générale*, no original) – livro com publicação póstuma – que se faz a distinção entre os termos *langue* e *parole*, isto é, o primeiro é um sistema abstrato de regras e convenções de uma língua, compartilhado por uma determinada comunidade linguística; já o segundo trata-se da manifestação física e material da língua - a fala ou o

discurso - de um determinado indivíduo em um determinado contexto, sujeita a variações de acordo com o uso de que cada falante faz da língua. Como se vê, mesmo o pai da Linguística deixou o tema espinhoso do discurso fora de seu escopo principal de análise. Uma hipótese para isso possa ser a própria natureza do discurso que tende a exigir análise individual, repleta de imprevisibilidade, o que seria um inconveniente para os objetivos de Saussure, o qual, *grosso modo*, era trabalhar com um objeto de estudos estável para assim poder sistematizá-lo.

Ainda a respeito desse tema, considere uma das frases mais famosas contidas neste curso do estudioso suíço: *a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma*, foi entendida literalmente por muitos anos, inserindo assim, um conflito de abordagens dentro da disciplina, cujos estudos tendiam ao seu aspecto formal e estrutural – *langue* -, o que se convencionou a chamar de estudo estruturalista da língua. Por outro lado, foi necessária a chegada dos estudos de William Labov (1966) para que se inserisse outras perspectivas na área, ou seja, a *parole*. Tais estudos passaram a centralizar os estudos linguísticos e seguem com relevância significativa até os dias de hoje (Calvet, 2009: 1).

A chegada dessa perspectiva de investigação a respeito da variação linguística, atribuída a William Labov, concretizou um dos valores, hoje, incontestáveis sobre a língua, a sua heterogeneidade. Foi a partir dos anos 1960 que a variação linguística passou a fortalecer as discussões sobre a relevância do contexto em que a língua ocorre. De outra maneira, foi a partir da inserção desse aspecto social nos estudos linguísticos que as pesquisas sobre a língua passaram a incluir não só seu universo formal – morfossintaxe e fonética, por exemplo – mas também a língua em uso, o que demonstrou um rompimento teórico central com a corrente em voga de então, aquela postulada pelos seguidores de Saussure, a qual privilegiava seu aspecto formal, - como mencionado acima.

Atualmente, sobretudo, depois das colaborações apresentadas pela Sociolinguística, representada por William Labov, sabe-se que o uso de uma língua está sujeito aos diferentes níveis de uso de certa língua na sociedade em que ocorre. Tais níveis englobam o tempo, espaço, fatores sociais e circunstâncias. Esses níveis, por sua vez, são comumente inseridos nos estudos linguísticos focados em variação, apresentando-se frequentemente com a nomenclatura seguinte: variação diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica.

O primeiro tipo de variação descreve as expressões e transformações de determinada língua em seu aspecto histórico, o exemplo mais frequente é a unidade lexical “vossa mercê” que com o tempo e alterações fonéticas formou o “vosmecê” e atualmente utiliza-se “você”. Já a perspectiva da variação diatópica pode ser descrita como as alterações linguísticas relacionadas ao local ou locais em que se nota diferentes usos de uma mesma língua. Ressalta-se ainda que esta variação representa o nosso interesse principal.

A variação diastrática descreve as alterações relacionadas às adaptações linguísticas realizadas de acordo com o contexto social ou profissional que indicam a filiação ou comunidade em que o falante está inserido. Um exemplo deste tipo de variação seriam as gírias e os jargões. Finalmente, chegamos à variação diafásica ou variante de registro, marcada fortemente pela pragmática, já que descreve as alterações linguísticas representantes do tipo de formalidade exigida pelo contexto de comunicação, como as variações de registros familiar, corrente e formal (Silva-Brito, 2015: 65).

Percebe-se que a variação linguística ocorre em todos os níveis, fonético, morfológico, sintático, semântico, pragmático bem como nos mais diversos momentos do discurso, o que se confirma pela diversidade do uso que se faz dela pelos falantes.

Esta variação notada em discursos distintos e em todos os níveis linguísticos demonstra como este tema representa uma área de estudos relevante para a pesquisa em ciências da linguagem e em Terminologia, uma vez que esta pode ser definida como o estudo e a prática dos termos usados e atualizado em discursos especializados de uma determinada área do conhecimento, o que a torna fundamental para a efetiva comunicação e mediação técnica e profissional como a comunicação que se quer estabelecer com os alunos do ensino superior oriundos de regiões em que se fala uma variante da língua portuguesa como é o caso do português do Brasil. Em vista disso, nosso interesse se centra na variação terminológica, pois é ela que se refere às alterações linguísticas que se verificam no uso técnico, profissional e especializado de uma língua natural. Igualmente por meio do estudo teórico da variação que se acessa o objeto concreto dessa variação, as variantes terminológicas.

Neste sentido, o nosso esforço localizou-se na busca por apoio teórico que sustentasse a variação terminológica observada no uso comunicativo escrito de unidades terminológicas que tendem a apresentar variação denominativa em PB e PE, isto é,

diferentes termos para um mesmo conceito, como se viu na introdução desta dissertação, bem como a variação conceitual, a qual se define, *grosso modo*, por ativar diferentes conceitos para uma única denominação. Dito isso, vejamos como esses fenômenos da variação terminológica ocorrem mais detalhadamente a seguir.

2.3. A variação em Terminologia

Quando tratamos do estudo da variação em Terminologia, uma problemática antiga costuma ser mencionada: o engodo de que os termos se caracterizariam por apresentar, precisão e impossibilidade de ambiguidade, ou melhor, para um termo um conceito e para um conceito um termo, sem possibilidade de variação terminológica. Esta perspectiva de análise ficou conhecida como relação biunívoca do termo, ou seja, um termo e um conceito deveriam designar a correspondência exata entre si para que assim fosse evitada a ambiguidade e diversidade terminológica.

Esta concepção sobre o termo ocorria porque se acreditava que a variação e a ambiguidade perturbavam a comunicação especializada – ideia basilar da Teoria Geral Terminologia (TGT) baseada nos trabalhos de Eugen Wüster (1931). De maneira geral, a ideia central da TGT está na afirmação de que o conceito antecede o termo, ou seja, acredita-se, nesta teoria, no fato de que o termo surge antes de sua denominação, - também chamada de anterioridade do conceito -, já que essa tendência de análise parte dos conceitos que os termos representam e seu objetivo principal é a padronização do uso dos termos a fim de atingir a comunicação unívoca, isto é, sem ambiguidades. (Faulstich, 2001; Krebs, 2016).

No entanto, este campo teórico, viu a sua virada de perspectiva com o advento da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que tem como uma de suas proponentes M. T. Cabré (1993). Esta estudiosa é acompanhada por outros investigadores adeptos dessa abordagem comunicativa da terminologia, alguns deles com data de publicação muito próxima ao estudo de Cabré, como as investigações de M.C. Conceição (1994; 2001), seguidos por E. Faulstich (2001), e J. Freixa (2002).

Paralelamente a esses paradigmas, havia outros, a saber, a Socioterminologia com Y. Gambier (1990) e F. Gaudin (1993), que estavam alinhados à Teoria Comunicativa da Terminologia, o que sinalizava que já não se podia negar a variação na terminologia especializada.

La linguistique structurale, braquée sur la «langue» de locuteurs fictifs, a fait éclater son idéalisme en abordant les usages, les variations – en se faisant linguistique sociale (sociolinguistique, pragmatolinguistique). L'analyse des emplois réels devrait permettre aussi de dévoiler l'idéologie qui a marqué jusqu'à aujourd'hui la terminologie ; tenter de réintroduire celle-ci dans la pratique sociale qu'est tout discours, c'est tenter du même coup de comprendre les divisions des connaissances, la synonymie, les degrés d'équivalences entre langues, les emprunts..., c'est quitter les principes qui occultent les rapports de force dans la communication, les enjeux de toute énonciation, c'est quitter la définition du sujet comme seule source de concepts. (Gambier, 1991: 8).

As linhas acima evidenciam a relevância e abundância de conhecimento que se deixava de desenvolver ao excluir a variação terminológica do escopo da Terminologia. Este pensamento é reforçado por Cabré que comenta:

[...] analizaremos si además de la temática y del grado de abstracción hay otros criterios que permitan postular que dentro del lenguaje de especialidad hay distintas variedades, y en qué casos se da esta variación. Para ello nos valdremos del siguiente supuesto: todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones. (Cabré, 1993: 157).

E ainda,

La terminología, en el pasado, había tendido a abordar las cuestiones asociadas con la estandarización, y a reducir la variación terminológica en lugar de enfocarse en sus sistemas de interacción subyacentes que podrían influir en la dinámica de la terminología. De esta forma, el análisis lingüístico y la anticipación del comportamiento de los términos, a través de la percepción de su naturaleza lingüística, han recibido mayor atención que la síntesis interdisciplinaria y las exigencias pragmáticas y culturales. (Cabré, Fathi, Moreira, Casafont, 2022: 1).

Outra contribuição frutífera nessa área é a de Rita Temmerman (2000), o conceito é entendido como, *unit of understanding*, ou em tradução livre “unidade de compreensão”. Na verdade, a TST substitui o uso do termo conceito por unidade de compreensão,

especialmente nos discursos do domínio da biologia. Ao conceito assim interpretado retira-lhe o carácter de atuação independente e isolada, como ainda acreditam alguns adeptos da TGT. Nesta teoria, a sua existência deve-se aos textos produzidos por autores que expressam a sua compreensão de mundo a respeito de certas categorias inseridas em determinada estrutura (Lázaro, 2020: 19).

Em relação a este assunto, vejamos o que apropriada autora explica Temmerman:

The main key word of traditional Terminology was concept [...]. In Sociocognitive Terminology it is to be replaced by unit of understanding. The concept in its traditional definition of “unit of thought constituted through abstraction on the basis of properties of a set of one or more objects” (ISO/CD 1087-1, 1995) (an object is a “phenomenon in the perceivable or conceivable world”) is too restrictive. As we showed (Chapter 3) few concepts exist objectively. People understand the world via cognitive frames or Idealised Cognitive Models (ICMs) in which prototype-structured units of understanding are related (2000: 224).

A este respeito, Conceição reforça:

L’unité d’analyse n’est plus le terme en tant que dénomination d’un concept mais en tant qu’unité de compréhension, puisque l’accent est mis sur l’importance du langage et de la langue dans la compréhension du monde. L’approche conceptuelle est remplacée par l’approche de la compréhension. Ces unités de compréhension (concepts et catégories) sont vues selon une optique logique et ontologique mais surtout encyclopédique en tant que genèse, facettes et perspectives de compréhension et en tant que manifestations de l’intention communicative d’un émetteur (2005 : 39-40).

Dessa maneira, a variação em terminologia igualmente integra esta pesquisa, uma vez que se faz necessário compreender a variação terminológica e suas ramificações como a variação denominativa bem como a variação conceitual para poder entender os mecanismos e fenômenos linguísticos que envolve a multiplicação de termos.

O esforço dos estudiosos defensores da variação terminológica, viram, em uma década, a guinada teórica. Nas últimas décadas deste século, uma das linhas teóricas que tem sido profícuas nos estudos dentro dessa abordagem comunicativa da terminologia é a variação terminológica. De acordo com Humbley e Picton (2017:2) *o foco atual na variação não é uma moda, mas a consequência lógica do desenvolvimento da*

terminologia (colocar a citação original). Este fato pode estar relacionado a vários motivos, entre eles, o avanço das tecnologias de comunicação, e conseqüentemente, a expansão do conhecimento, o que gera a necessidade de terminologias que possam esclarecer e orientar as comunicações em contextos especializados.

É relevante destacar que nesta investigação o foco foi a variação terminológica denominativa que se insere na perspectiva teórica de que a variação é um fenômeno terminológico caracterizado pela justaposição de duas - ou mais - unidades terminológicas que se aproximam por compartilhar o mesmo referente, porém se afastam no que tange a seu aspecto denominativo; de outra maneira, a variação denominativa trata da presença de formas linguísticas diferentes para denominar um mesmo conceito, encontradas no discurso técnico e especializado (Maia, 2010: 45).

Vejamos a seguir algumas das colaborações elaboradas a partir desta abordagem acerca das variantes terminológicas.

2.4. Diferença entre unidade lexical e unidade terminológica

Nesta altura da investigação faz-se necessário discorrer a respeito da diferença entre variação lexical e variação terminológica bem como suas expressões em unidade lexical (UL) e unidade terminológica (UT) respectivamente.

Ainda nos primórdios sobre o tema da variação em terminologia, entendia-se que a variação lexical se referia a um fenômeno linguístico expresso através de palavras ou expressões – unidades léxicas - com significados semelhantes em determinada língua, expressando sua exuberância linguística, sociocultural e histórica. Essas expressões também chamadas de unidades lexicais, que nada mais são do que as unidades lexicais não especializadas do léxico de uma dada língua, utilizadas de maneira abrangente em múltiplos contextos comunicativos e compreendidas pela maioria de seus falantes.

Já o fenômeno linguístico que ocorre em uma dada língua natural no discurso especializado que representa a variedade dos conceitos da comunicação técnica e profissional é denominada de variação terminológica, que por sua vez, encontra expressão em unidades terminológicas ou em termos.

Ainda de acordo com as primeiras teorias sobre o tema, as unidades terminológicas eram entendidas apenas como denominações de conceitos. No entanto, Conceição (2005: 68) afirma que

on considère aujourd'hui les termes comme unités lexicales spécialisées. Ces unités ne sont pas considérées seulement comme des dénominations de concepts, mais elles doivent aussi être vues comme des unités lexicales qui fonctionnent dans un système linguistique propre à chaque utilisateur et à la communauté à laquelle il appartient. L'étude des termes doit, ainsi, être effectuée en tenant compte aussi de leurs utilisations dans les diverses situations communicatives.

Atualmente, aceita-se que palavras e termos têm origem comum. Dessa maneira, compreende-se que elementos lexicais e elementos terminológicos se assemelham por compartilharem sua origem linguística, isto é, unidades lexicais e unidades terminológicas apresentam dimensões como função semântica, uma vez que manifestam um significado e pelo menos um sentido; função gramatical e função pragmática.

Todavia, os elementos distintivos entre essas unidades de sentido vinculam-se aos usuários das unidades terminológicas, uma vez que os usuários são, neste contexto, especialistas, bem como o são as situações em que são veiculadas, o conhecimento e igualmente os discursos. (Cabré 1999 citada por Martins, 2022).

Tendo isso em vista, entende-se que de um lado há as unidades lexicais que encontram sinônimos em palavras ou vocábulos não especializados. De outro lado, há as unidades terminológicas, isto é, os termos ou os conceitos do léxico de uma determinada língua, utilizados de maneira especializada em contextos comunicativos especializados ou técnicos e são compreendidos por membros de uma dada comunidade igualmente específica, como os profissionais de determinada área.

Posto isso, a diferença entre unidade terminológica e unidade lexical se estabelece a partir dos usuários que utilizam essas unidades em seus discursos a depender do contexto, do tema e do público com o qual se comunicam.

2.5. Variação conceitual

Ao tratar da variação em terminologia nota-se a sua manifestação com base em duas denominações recorrentes, nomeadamente, a variação conceitual e a variação denominativa (Brito, 2015:67). A primeira descreve a alteração terminológica em relação

ao conceito de determinado termo, à sua representação mental e abstrata, cuja base é a cognição; já a segunda, relaciona-se à alternância da sua forma linguística, a sua expressão material ou gráfica, bem como seu aspecto sonoro.

De outra maneira, considera-se o artigo de Costa e Fernández-Silva (2018).

Veja-se:

A variação terminológica pode ocorrer no plano do conteúdo (cognitivo) e no plano formal (linguístico) dando lugar à variação conceitual e denominativa. Embora diversos estudos tenham investigado essa temática, ainda não se tem uma definição consensual a respeito destes dois fenômenos (2018: p.97).

Nota-se que as investigadoras incluem o traço cognitivo como constitutivo da definição da variação conceitual. Fato este que ocorre igualmente em Irene Kostina (2010), anos antes, em sua tese de doutoramento. A cerca disso, a autora destaca:

[...] definimos variación conceptual como el proceso cognitivo que conduce a cambios graduales en un concepto y se manifiesta lingüística y semánticamente en grados diferentes de equivalencia entre los sentidos de una unidad léxica o entre los sentidos de sus variantes léxico-semánticas (Idem: p.6).

Além de reforçar o valor cognitivo do aspecto conceitual da variação, neste excerto, ressalta-se igualmente a inserção do elemento “equivalência” visto em Kostina – o qual já aparece em Freixa (2002). Kostina (2010) destaca também que há certa tendência das investigações sobre o tema da equivalência em lidar com a variação em seu âmbito formal, isto é, sua forma escrita, e se acaba enfocando um pouco menos na problemática apresentada pela equivalência. Esse tema é pertinente, uma vez que a equivalência não é apenas a relação entre designações em línguas naturais diferentes que representam um mesmo conceito, ela envolve ainda os diferentes graus de equivalência conceitual de acordo com seus contextos de uso. Nesta investigação, a equivalência na variação terminológica torna-se igualmente relevante, uma vez que se percebe sua relação basilar neste tipo de estudo.

De maneira geral, compreende-se que diferentes conceitualizações - isto é, a atividade de formar e organizar conceitos - geram atualizações distintas para um mesmo

significante. Por outro lado, a variação conceitual também pode ser analisada sob a perspectiva que considera sua manifestação independentemente da linguagem, ou seja, a variação conceitual que ocorre no plano cognitivo - na maneira em que o conceito é compreendido e estruturado dentro de uma dada comunidade - sem a ocorrência de uma denominação para essa nova compreensão. Dessa forma, a percepção geral a este respeito apresenta-se por meio de matizes conceituais concernentes a uma única denominação (Cabré apud Costa & Fernández-Silva, 2018).

Para ampliar o tema, se pode acrescentar uma das colaborações da Linguística Cognitiva a respeito. Veja-se:

No que tange às observações no âmbito cognitivo da análise, destaca-se:

A relação entre linguagem e pensamento é algo amplamente aceito, da mesma forma, também é consensual, por parte dos linguistas cognitivos, o fato de que a linguagem se fundamenta na interação com o mundo, por meio de nossas vivências e experiências físicas, corporais e cognitivas. Nesse sentido, [...] uma das premissas fundamentais da Linguística Cognitiva é a de que a linguagem é uma capacidade integrada na cognição geral. Linguagem, significado e conhecimento estão perfeitamente interconectados, atuando a linguagem como entrada ao sistema conceitual, mas também como meio pelo qual esse sistema conceitual é exteriorizado e verbalizado (Costa *et al* (2020), p.5020).

Dito isso, observa-se que a escolha teórica apontada na seção anterior se justifica - os pontos de vista formal e conceitual - já que este estudo se propõe a investigar as ocorrências de variação conceitual e denominativa que se verificou em nossos *corpora*.

2.6. Variação denominativa

Conforme já observado, a variação em terminologia apresenta uma dupla articulação aparente, a saber, de um lado se observa a variação dentro do próprio conceito, caracterizada pela alternância na maneira como determinada unidade terminológica é compreendida e organizada em uma dada comunidade, fenômeno conhecido como variação conceitual. De outro, há a variação na forma de denominar um mesmo conceito manifestada em suas diferentes expressões gráficas, denominada variação denominativa, sobre as quais discorreremos com mais detalhes nas próximas linhas.

A variação denominativa descreve as diferentes designações utilizadas para se referir a uma mesma unidade terminológica. Nesse caso, o conceito permanece inalterado, enquanto a mudança ocorre apenas no nível material e fonético do termo (León-Araúz & García, 2020: 213).

Para Costa *et al* (2018) os traços que distinguem as variantes terminológicas - denominativa e conceitual - ocupam uma zona de fronteira pouco evidente. Isso ocorre, sobretudo, porque a variação denominativa também pode manifestar processos dinâmicos de categorização e estruturação do conhecimento especializado. Veja-se:

Atuando como um mecanismo linguístico, mas também social e cognitivo, a variação terminológica, em especial a denominativa é um passo importante na forma como se relaciona linguagem e pensamento, denominação e conceito. Conforme destaca Tercedor (2011, p.182), a variação é também um reflexo dos processos dinâmicos de categorização e estruturação do conhecimento especializado e, sendo assim, essa variação tem uma motivação cognitiva, que se verifica na forma como o autor transmite as informações em um texto, mas também possui uma consequência ou incidência, que se refere à compreensão do conceito expresso por essas variantes por parte dos receptores, interferindo na maneira como os textos são interpretados (p. 5021).

As autoras referidas apresentam uma conexão entre as variantes terminológicas ainda mais intrínseca e com linhas distintivas igualmente menos evidentes, demonstrando a relevância de estudos voltados a esta temática, especialmente porque os critérios que as distinguem, segundo as autoras, ainda não são consenso na área. No entanto, nesta investigação, por questões metodológicas, adotou-se a definição de variação terminológica como a forma pela qual os termos, (variação denominativa), e conceito, (variação conceitual) se manifestam no discurso especializado.

2.7. Algumas abordagens teóricas sobre a variação terminológica

A variação tornou-se um tema central nos estudos e perspectivas teóricas de terminologia ao longo das últimas três décadas. Estudiosas como Enilde Faulstich (1996; 2001) e Judit Freixa (2002; 2005; 2013; 2014) dedicaram-se a esta questão com o propósito de elaborar uma categorização da variação terminológica, permitindo sua

utilização como um recurso analítico para a identificação e compreensão de diferentes unidades terminológicas.

Para Faulstich uma análise viável do termo seria aquela que tem como ponto de partida o funcionalismo, *que proporciona a criação de categorias e tipos de variantes terminológicas em consonância com os usos* (2001:11). Para ela, há três categorias de variações, sendo elas: concorrentes, coocorrentes e competitivas. Segundo o esquema proposto pela autora, as concorrentes são as variações formais que concorrem - daí o nome - para a presença no mesmo plano discursivo. Já as variantes coocorrentes são os sinônimos terminológicos. Restando as variantes competitivas, como sendo aquelas que relacionam significados entre unidades lexicais de línguas diferentes, conhecidas como empréstimos (p.26).

Além dessa categorização inicial, Faulstich criou uma subdivisão das concorrentes em variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. Em seguida, a autora apresenta, para cada uma dessas subdivisões, os elementos que as compõem, sendo assim a composição: a. variantes terminológicas linguísticas > variantes terminológicas fonológicas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas; b. as variantes terminológicas de registro > variantes terminológicas geográficas, de discursos, e temporais. Como a autora insere no mesmo plano de análise as variantes formais (variantes linguísticas) e as causais (variantes de registro), esta tipologia não parece atender as necessidades de um estudo a respeito das variantes diatópicas ou geográficas.

Mesmo considerando somente a primeira categorização das variantes da autora, não foi possível determinar a presença de variantes concorrentes nos *corpora* analisados dentro do domínio vida acadêmica. Para ilustrar essa informação, não se encontrou nenhum registro com a unidade terminológica “universidade de acolhimento” no *corpus* em PB. Portanto, não se adotou essa abordagem nesta investigação.

Por outro lado, há os estudos de Freixa (2002; 2013) que problematizam e ampliam consideravelmente a ideia de variação terminológica. A autora mencionada propõe que a variação terminológica seja investigada, inicialmente, sob dois patamares distintos, sendo eles: as causas da variação denominativa e a tipologia da variação. Nessa abordagem inicial, a autora propõe as causas da variação como fixas, lineares e isoladas, como representou no esquema abaixo.

Tipos	Subtipos
1. Causas prévias	<ul style="list-style-type: none"> • A redundância linguística • A arbitrariedade do signo lingüístico • As possibilidades de variação da língua
2. Causas dialetais	<ul style="list-style-type: none"> • Variação geográfica • Variação cronológica • Variação social
3. Causas funcionais	<ul style="list-style-type: none"> • Adequação ao nível de língua • Adequação ao nível de especialização
4. Causas discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Evitar a repetição • Economia linguística • Criatividade, ênfase e expresividade
5. Causas interlingüísticas	<ul style="list-style-type: none"> • Convivência do termo “local” com o empréstimo • Diversidade de propostas alternativas
6. Causas cognitivas	<ul style="list-style-type: none"> • Imprecisão conceitual • Distância ideológica • Diferenças na conceitualização

Tabela 1 - Esquema inspirado nas causas da variação terminológica de Freixa, 2002 (2013: 39).

A respeito das causas prévias, a sua categorização amplia a noção de variação e auxilia sua compreensão. A autora mencionada afirma que este primeiro tipo está mais relacionado às características inerentes às línguas, como a constatação da *arbitrariedade do signo lingüístico*, ou seja, não há uma forma única de relacionar a denominação e seu referente.

Outro aspecto prévio para a variação, como hoje é igualmente sabido, está relacionado ao fato de que as línguas variam porque a variação é intrínseca a elas, como citamos anteriormente. A autora ainda nota o traço repetitivo e aparentemente supérfluo da variação que se desdobra em objetivos discursivos e cognitivos significativos na

construção do sentido (Freixa, 2013:39). Dessa forma, estas causas prévias não seriam causas da variação em si, porém constituem os traços próprios das línguas.

Seguindo a observação do quadro acima, encontra-se a segunda razão, ‘causas dialetais’. A autora inclui nesta categoria as alterações notadas nos campos, social, cronológico e geográfico. Esta maneira de analisar, inclui o aspecto cronológico em causas dialetais, diferentemente do que se viu em Silva-Brito (2015) a qual apresenta o traço temporal com sua própria denominação, o diacrônico. Nesta investigação, optou-se por utilizar a terminologia encontrada em Freixa. Devido à natureza deste estudo, esta segunda causa focada em seu aspecto geográfico se faz relevante.

Lembramos que Freixa (2013), diferentemente do que ocorre em (2002, 2005) agrupa as causas dialetais e funcionais (2013: 40). Neste estudo, a estudiosa afirma que esta distinção ainda se faz necessária, uma vez que a variação dialetal é externa, isto é, vários falantes utilizam denominações diferentes. Já a variação funcional é interna, um mesmo falante utiliza denominações diferentes de acordo com o contexto e uso em que se encontra.

Para Freixa, a variação dialetal é óbvia de tal maneira que até mesmo E. Wüster *a aceitava e alertava o quanto este tipo de variação poderia ser problemático em situações comunicativas*. Disso tratamos neste estudo, como esperamos já termos evidenciado. Com isso, ressalta-se que a pressuposição de que o compartilhamento de uma mesma língua entre duas ou mais comunidades distintas é suficiente para a compreensão dos discursivos em contextos especializados, gera falhas na comunicação como igualmente inércia em relação as atividades linguística e terminológica.

A este respeito, vejamos o excerto abaixo:

One can allege that there are certain characteristics which distinguish terms, for example the use of the term in different professional spheres. This cannot be denied nor can it be disregarded; to this consideration regional differences should be added by which different terms designate the same concept but each within its geographical area; for example, Spanish in the different Latin American countries and peninsular Spanish (which is even reflected in the standards); analog cases occur in English and French. Another factor highlighting the distinctions is time, considering terminology from a

diachronic angle, justified differences are revealed. (Felber and Picht apud Freixa, 2006, p.55).

Fora isso e como se pode supor, a variação dialetal parece menos frequente – apesar de existente - em contextos especializados do que aquela notada em situações cotidianas. Sobre isso, segue Freixa:

[...] the different terminological trends have acknowledged synonymy caused by different geographical, chronological and social usages, even though the variation that these factors bring about in the general language seems much greater than in specialized discourse, in which these variation parameters play a minor role (p.55).

Assim, infere-se que pela razão da variação dialetal observada em contextos especializados apresentar alteração ou mudança terminológica menos constante, ela acaba ganhando uma importância secundária.

Outra causa, seriam as causas funcionais, essas se referem aos motivos viáveis e práticos que conduzem o uso e seleção de determinadas unidades terminológicas de acordo com seu contexto de uso e especialização. Ao analisar as ‘causas funcionais’ em si, destaca-se a sua relevância quanto ao ensino de línguas, tradução e comunicação em geral, já que seu traço característico se localiza na especialidade e nível de expressão em um determinado contexto de uso.

Além disso, nota-se ainda que estas causas estão relacionadas às questões cognitivas e léxico-semânticas, uma vez que ao se buscar por um termo que possa ampliar a compreensão de determinado conceito pelo interlocutor em um determinado contexto comunicacional, ajusta-se igualmente à experiência e vivência deste indivíduo, variando assim entre o nível linguístico da língua materna ou estrangeira, especializado ou não.

Quando Freixa trata dessas últimas causas, as discursivas e interlinguísticas, respectivamente, causas discursivas, interlinguísticas, a autora também inclui as causas cognitivas no mesmo grupo. No estudo posterior em que comentamos acima (2013), a estudiosa já entende a causa cognitiva como um fenômeno linguístico distinto das discursivas e interlinguísticas, ou seja, as causas cognitivas estariam inseridas nas causas prévias.

Como as anteriores, as duas causas, tanto as discursivas quanto as interlinguísticas são apontadas como manifestação de variação denominativa. Para a autora, as causas discursivas nada mais são que causas estilísticas, as quais estariam relacionadas a formas de escrever e à qualidade retórica do estilo escolhido, excluindo assim questões funcionais desta causa.

O objetivo principal para o uso desta forma de expressão estaria em evitar a repetição, mas não apenas. Há ainda outras causas como a economia linguística e a vontade de expressar criatividade e ênfase, sendo, respectivamente, a criação de termos encurtados que convivem com termos mais longos, bem como a ação de recorrer a saídas menos comuns para dar respostas a certa necessidade ainda não superadas.

Já a respeito das características desta causa, a autora comenta:

En el quinto bloque (causas interlingüísticas) encontramos fenómenos que provocan variación terminológica de manera muy evidente y productiva: por un lado, la convivencia del término «local» con el préstamo y, por otro, la diversidad de propuestas alternativas que se originan en una lengua para evitar el préstamo (Idem:41).

Como se pode notar da passagem acima, o contato com outras línguas torna-se uma das razões principais para a equivalência nesta causa, seja em prol da comunicação ou por puro prestígio. De um lado há a necessidade de utilizar o termo na língua em que foi criado, o que se julga trazer mais efetividade comunicativa, bem como o esforço realizado para a criação de palavras para evitar o termo original ou adaptado à grafia e à fonética em que se busca utilizar o novo termo. De outro lado, a valorização sociocultural do termo de determinada língua, o que pode ser notado, atualmente, no uso de vocábulos emprestados da língua inglesa; e antes da língua francesa, no contexto da variante brasileira.

Essa proposta de 2002, é revista, criticada e reformulada pela própria autora pouco mais de uma década depois anos, em 2013. Nesse novo estudo, Freixa destaca o papel da cognição e argumenta que *la variabilidad del concepto no es una causa de variación sino una premisa de partida* (2013: 42). De outra maneira, a cognição junta-se às causas prévias - a redundância linguística, a arbitrariedade do signo linguístico, a possibilidade de variação da língua, estas, por sua vez, intrínsecas à natureza das línguas - como

elemento basilar para a ocorrência da variação denominativa, sendo uma condição e não mais a causa da variação.

A autora ainda propõe ainda romper com a linearidade que havia na proposta anterior, assumindo que a variação denominativa envolve interação entre as causas e não funciona isoladamente. Veja-se com a autora:

Así pues, el primer cambio que habría que hacer a la propuesta es romper la linealidad y ofrecer los diferentes bloques de manera verdaderamente articulada, en diferentes niveles. Las causas previas y las causas cognitivas de hecho son el origen de la variabilidad y explican las alternancias denominativas provocadas por las causas dialectales, funcionales, estilísticas y las interlingüísticas (Freixa, 2013: 43).

Com isso, entende-se que as razões que impelem a variação não ocorrem sequencial e separadamente. Em realidade, Freixa reflete sobre as temáticas tradicionais e caras à linguística - bem como às áreas de estudo que têm a língua como objeto de estudo -, sendo alguns dos temas: a natureza mutável do sistema linguístico e o valor das crenças e dos pontos de vista na construção do discurso, por exemplo. Isso sugere que há, de um lado, as causas prévias ou primárias, e de outro, as causas circunstanciais. Dessa maneira, as causas prévias, incluindo as causas cognitivas, nesta proposta, se articulam conjuntamente e de maneira interrelacional, formando assim um emaranhado de estímulos motivadores para a ocorrência da variação terminológica que depende da circunstância em que se produz o discurso técnico e especializado.

Com a quebra da linearidade e com a compreensão de que a cognição é um pressuposto para a ocorrência da variação terminológica, Freixa apresenta sua nova proposta de análise com três pontos de vista diferentes e articulados simultaneamente para o estudo da variação terminológica, sendo eles:

1. O ponto de vista linguístico formal;
2. O ponto de vista conceitual;
3. O ponto de vista das causas da variação.

Brevemente, o primeiro preocupa-se com as alterações com as formas linguísticas e com as denominações das unidades léxicas; o foco está em sua estrutura e composição; o segundo enfoca-se nas alternâncias no conceito, e o terceiro são as causas que vimos acima.

Após considerar, primeiramente a proposta revisada de Freixa (2013) e Ribeiro (2020) como ponto de apoio para a investigação das unidades terminológicas encontradas nos *corpora* especializados; seguindo os três pontos de vista de análise propostos pela autora, afirma-se que esta investigação, de partida, se enquadra nas causas geográficas - aqui chamadas diatópicas. Ressalta-se que as variantes diatópicas são a base deste estudo, dado que estas causas já são entendidas como antecedentes por se tratar de um estudo que se propõe identificar variantes terminológicas no domínio do ensino superior tanto em PB quanto em PE.

O que propomos é analisar os *corpora* considerando o ponto de vista linguístico formal e conceitual – quando possível -, como observados acima.

Posto isso, até essa altura, tratamos apenas dos critérios para as causas para a variação terminológica, porém, ainda resta lidar com a tipologia para analisar os tipos de variação do ponto de vista formal. Freixa propõe a classificação abaixo para os tipos de variação terminológica; estas, por sua vez, se agrupam segundo a diferença linguística realizada: variação gráfica, variação morfossintática, redução, variação léxica, variações complexas.

Tipología de variación denominativa de Freixa.

CAMBIOS GRÁFICOS		
1. Término y forma artificial	a) Término y símbolo	<i>cobre / Cu</i>
	b) Término y fórmula química	<i>amoníaco / NH₃</i>
	c) Término y otra forma artificial	<i>ley de residuos industriales de 1983 / ley 6/1983</i>
2. Término y abreviación	d) Término y sigla	<i>clorofluorocarbono / CFC</i>
	e) Término y abreviatura	<i>acero inoxidable / acer inox.</i>
3. Cambio ortográfico		<i>espray / spray</i>
CAMBIOS MORFOSINTÁCTICOS		
1. Misma estructura	a) Ausencia / presencia de artículo	<i>gestión de residuos / gestión de los residuos</i>
	b) Cambio de número	<i>contaminación del agua / contaminación de las aguas</i>
	c) Cambio de preposición	<i>condiciones del condensador / condiciones en el condensador</i>
	d) Cambio de género	<i>máxima absoluta / máximo absoluto</i>
2. Diferente estructura	e) [N+A] / [N+SP]	<i>residuos mineros / residuos de la minería</i>
	f) Monoléxico / poliléxico	<i>producto ecológico / ecoproducto</i>
	g) Otros cambios de estructura	<i>materia primera / primera materia</i>

REDUCCIONES		
1. Reducciones de la extensión	a) Tipo [N+X] = [N] <ul style="list-style-type: none"> ▪ [N+A] = [N] ▪ [N+SP] = [N] ▪ [N₁+N₂] = [N₁] 	<i>aguas residuales / aguas ciclo de vida / ciclo semiconductor-electrolito / semiconductor</i>
	b) Tipo [N+X+Y] = [N+X] 1 [N+SP+A] = [N+SP] 2 [N+A+SP] = [N+A] 3 [N+A ₁ +A ₂] = [N+A ₁] 4 [N+SP ₁ +SP ₂] = [N+SP ₁]	<i>ahorro de recursos naturales / ahorro de recursos recogida selectiva de residuos / recogida selectiva metal pesante tóxico / metal pesante tiempo de residencia del gas / tiempo de residencia</i>
	c) Otras reducciones de la extensión	<i>filtro de control de contaminación / filtro</i>

2. Reduções de la base	d) $[N+A] = [A]_N$	<i>planta depuradora / depuradora</i>
	e) $[N_1+N_2] = [N_2]$	<i>gas CFC / CFC</i>
	f) $[N_1+SP (de+N_2)] = [N_2]$	<i>espuma de poliestireno / poliestireno</i>
3. Outras reduções		<i>emissão de compostos químicos tóxicos / emissão tóxica</i>
CAMBIO LÉXICOS		
1. Unidades monoléxicas		<i>contaminación / polución</i>
2. Unidades poliléxicas	a) Cambio de base <ul style="list-style-type: none"> ▪ $[N+SP (prep + art + N)]$ ▪ $[N+A]$ ▪ otros cambios de base 	<i>bien de consumo / producto de consumo</i> <i>abono químico / fertilizante químico</i> <i>destrucción de la capa de ozono / degradación de la capa de ozono</i>
	b) Cambio de extensión <ul style="list-style-type: none"> ▪ $[N+SP (pre + art + N)]$ ▪ $[N+A]$ ▪ otros cambios de extensión 	<i>depósito de asentamiento / depósito de decantación</i> <i>agricultura ecológica / agricultura biológica</i> <i>aguas residuales / aguas de la alcantarilla</i>
VARIOS CAMBIOS COMPLEJOS		
1. Con parentesco formal	a) Monoléxico / poliléxico	<i>alimento / producto alimentario</i>
	b) Poliléxico / poliléxico	<i>lodo digerido / residuo de digestión</i>
2. Sin parentesco formal	c) Monoléxico / poliléxico	<i>vertedero / depósito de residuos</i>
	d) Poliléxico / poliléxico	<i>pesticida de síntesis / plaguicida químico</i>

Figura 1 - Classificação formal da variação denominativa de Freixa 2002 (apud Isquierdo & Dal Corno: 2014: 316-317).

Destacamos que diferentemente do que se vê no trabalho de Freixa (2014), que tratou do domínio da biologia, o qual originou a tabela acima, nossa investigação não aborda todos os elementos que a autora propõe em sua análise formal. Primeiro porque seu trabalho trata de análise monolíngue, o catalão; bem como lida com questões de inter-subdomínio, isto é, um domínio que interage com muitos outros. O nosso é um trabalho monolíngue, porém intralinguístico, realizado a partir das variantes PB e PE da língua portuguesa Ribeiro (2020). Além disso, os contextos que aparecem em nossos *corpora* não são exaustivos do domínio em questão; esses são apenas uma pequena amostragem do domínio para esta investigação. No entanto, entende-se que o modelo de Freixa atende

às necessidades iniciais dessa investigação em que se propõe analisar as variantes de acordo com o ponto de vista formal e conceitual com base no elemento de partida, a variação diatópica.

Em vista disso, das variações que se inserem na classificação detalhada de Freixa (Fig.1), se buscou observar os contextos em que se notou apenas dois tipos de variações: as variações lexicais, bem como as variações complexas. Cabe mencionar que as variações lexicais, na tipologia da autora referida são as unidades terminológicas e não unidades lexicais, uma vez que considera um discurso de um domínio específico e especializado. As variantes diatópicas identificadas nos *corpora* dessa investigação e suas análises são apresentadas no capítulo 4.

Ao que tange à nossa investigação propriamente dita, se pode realizar o mesmo caminho de exposição dos dados, aplicando o processo acima às denominações encontradas nos *corpora* dessa investigação.

2 – A respeito do **ponto de vista conceitual**, observa-se que há, nas denominações observadas, motivações distintas a depender do ponto de vista, podendo ser elas, respectivamente, a gestão de resíduos, as características organolépticas – aqui se inserem tanto a cor quanto o grau de limpeza -, bem como o lugar em que circulam; ou como em nossos *corpora* “universidade de acolhimento” (PE) e “universidade de destino” (PB) em que se inserem os traços distintivos como o ato de receber, no caso da variante em PE, enquanto a variante em PB manifesta seu traço como distintivo pela ideia de deslocamento ativada pela extensão “destino”.

3 – Ao que tange o ponto de vista das **causas**, é preciso encontrar a causa que gerou a variação, considerando quem utiliza e quem não utiliza tais denominações bem como e em quais situações. Em nosso trabalho esta não é uma problemática, dado que partimos das causas diatópicas, como referido anteriormente.

2.8. A equivalência em tradução

Como é sabido, o debate, nem sempre convergente, a respeito da equivalência nos estudos de tradução já possui lugar de prestígio há muitas décadas. Abundam artigos a respeito deste tema, sendo reiterados estudos como os de Vinay e Dalbernet (1958) e Jakobson (1958), seguidos por Nida (1969), Toury (1995), Munday (2001), Pym (2013)

e Panou (2013). Já a equivalência terminologia está intrinsicamente relacionada aos avanços que ocorreram no campo da tradução, como veremos nesta seção.

No final dos anos 1950, Vinay & Darbelnet iniciam seu método de tradução com seu *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*, no qual analisam várias estratégias de tradução comuns entre o francês e o inglês. Dentre as estratégias apresentadas pelos estudiosos está a equivalência exposta da seguinte maneira:

Nous avons souligné à plusieurs reprises qu'il est possible que deux textes rendent compte d'une même situation en mettant en oeuvre des moyens stylistiques et structuraux entièrement différents. Il s'agit alors d'une équivalence. L'exemple classique de l'équivalence est fourni par la réaction de l'amateur qui plante un clou et se tape sur les doigts : s'il est français, il dira : «Aïe» s'il est anglais, il dira « Ouch ».

Cet exemple, quoique grossier, fait ressortir un caractère particulier des équivalences : elles sont le plus souvent de nature syntagmatique, et intéressent la totalité du message (Vinay & Darbelnet, 1972 : 52).

Como se pode notar, a equivalência, para os autores acima, estava marcada por sua relação com o sintagma, - o conjunto ordenado de elementos que compõe uma oração -, porém, já se pode perceber o valor dado ao seu papel da equivalência no todo do conteúdo, apesar de ainda estar bem distante da noção de equivalência discursiva. Nessa altura, já se pode vislumbrar a relevância que a equivalência ganhará com o avanço dos estudos terminológicos, dado que já se pode notar o deslocamento da perspectiva do termo isolado para o discurso.

Além disso, publicações posteriores afirmam que o contexto para Vinay & Darbelnet, no original '*situation*' é o fator determinante para a criação ou não de equivalentes, o que vai depender da análise do texto original (Panou, 2013: 2). Nota-se com isso, que o texto de chegada ainda estava fora do centro da discussão no tocante à equivalência - o que logo será alterado com o advento da perspectiva funcional da equivalência. Destaca-se ainda que neste momento o sentido empregado de equivalência ainda estava restrito às expressões idiomáticas, frases fixas e provérbios.

É com Nida (citado por Panou, 2013:2) que a equivalência sofre considerável mudança de perspectiva. O foco da tradução passou a ser no receptor do texto traduzido. Este acadêmico e estudioso da Bíblia trouxe para os estudos de tradução

o interesse pelo receptor da mensagem. De alguma maneira, há um certo deslocamento do foco do texto de partida para o texto de chegada, pelo menos inicialmente. O autor propõe a equivalência formal e equivalência dinâmica ou funcional.

A este propósito, Antony Pym (2014: 8) afirma que a primeira estaria relacionada à tradução focada no nível da forma da língua de chegada, e a segunda estaria relacionada à ativação da função cultural de determinado conteúdo. Para isso, o autor referido evoca o famoso exemplo da tradução do evento cultural, ‘martes 13’, em espanhol – em português ‘terça-feira 13’. Uma tradução focada na equivalência formal, poderia apresentar como tradução do dia de azar a ‘terça-feira 13’. Já uma tradução para o português do Brasil, apoiada na equivalência funcional, seria ‘sexta-feira 13’. Dessa maneira, mantém-se a correspondência cultural do evento na língua de chegada.

Nesse sentido, se pode refletir a respeito das variantes terminológicas, sobretudo, no que diz respeito à variação conceitual, uma vez que essa ativação cultural, comentada pelo autor referido no parágrafo anterior, é dependente de processos cognitivos e, portanto, mobilizadora de conceitos.

Com isso se observa, o benefício da equivalência funcional para discursos controlados e especializado. A equivalência funcional é relevante no que tange à sua proximidade com a proposta de Toury (citado por Snell-Horby, 2012:49), uma vez que o centro da tradução está no texto de chegada. Dessa maneira,

Semiotically speaking, it will be clear that it is the target or recipient culture, or a certain section of it, which serves as the initiator of the decision to translate and of the translating process. Translating as a teleological activity par excellence is to a large extent conditioned by the goals it is designed to serve, and these goals are set in, and by, the prospective receptor system (s). Consequently, translators operate first and foremost in the interest of the culture into which they are translating, and not in the interest of the source text, let alone the source culture (Idem).

No trecho acima, percebe-se que a abordagem do autor citado - que é geralmente incluído no paradigma descritivo dos estudos de tradução – centraliza definitivamente o texto de chegada. Foca-se no valor dos “objetivos” do sistema receptor. Além disso, nessa passagem, se pode inferir o papel da tradução como uma atividade sociocultural, envolvida em todo o emaranhado complexo da ação humana: as suas normas e convenções, ideologias e crenças.

A isso se assemelha ao uso em terminologia, como a normalização, dado que este termo se refere ao processo de padronização e regulamentação de termos em domínios especializados para garantir uniformidade, precisão e clareza na comunicação técnico-científica.

Em relação ao termo equivalência funcional, especificamente, observe:

Gideon Toury propõe um reexame do conceito de equivalência, fazendo uma distinção entre os dois usos da palavra “equivalência”, o “teórico” e o “descritivo”. Para Toury, cuja abordagem descritiva adere aos princípios das teorias funcionalistas, a tradução é percebida como um processo sociocultural. Toury (1995) propõe um procedimento para se determinar se a tradução, na relação com seu original, se orienta para a língua de partida – dita “formal” – ou para a língua de chegada – dita “funcional” (Rodrigues citado por Chanut, 2012: 47).

Observa-se que aos poucos o contexto cultural e função do texto acabam ganhando mais espaço nas discussões na área de tradução, o que ecoa nos estudos de terminologia, uma vez que a equivalência funcional e o contexto passam a figurar como centrais do lado da tradução, e o discurso especializado do lado da terminologia.

Com isso, enfatiza-se a função e o contexto cultural a que o texto se destina. Dessa forma, a equivalência funcional é compreendida no nível discursivo, desvinculada das estruturas formais da língua de partida, o que torna fundamental para a eficácia da comunicação. Posto isso, é possível estabelecer uma associação desse conceito mais amplo estudos da tradução com a equivalência terminológica, o que revela a importância desta última para garantir precisão e clareza, de acordo com o contexto discursivo especializado.

2.9. A equivalência em Terminologia

A unidade lexical “equivalência” é comumente usada em sentido *lato* em um sem-fim de contextos e domínios, geralmente empregada para expressar semelhança ou identidade. Se considerarmos sua composição etimológica, compreendemos este uso. Este item lexical apresenta a combinação de:

“AEQUU” + “VALERE” = igual + valer, respectivamente; o que geralmente se entende por “algo de igual valor”. Tal construção etimológica oferece elementos iniciais

de compreensão deste fenômeno linguístico, mas não é suficiente para entender seu papel em terminologia.

Para ampliar a percepção deste conceito, observe como o próprio ISO 1087:2019 o apresenta:

3.4.24

equivalence

relation between *designations* (3.4.1) in different *natural languages* (3.1.7) representing the same *concept* (3.2.7)

EXAMPLE:

The French *term* (3.4.2) "ordinateur" is an equivalent of the English term "computer".

Note 1 to entry: Designations in the relation of **equivalence** are called "equivalents".

Figura 2 - Imagem extraída do ISO 1087:2019.

Como se pode notar, o ISO, com sigla em inglês para (Organização Internacional para a Padronização) define equivalência como a relação entre designações em línguas naturais diferentes que representam o mesmo conceito (*tradução nossa*). Além disso, estabelece que as designações em relação à equivalência são chamadas de “equivalentes”.

As definições acima relacionam-se com aquelas figuradas no *Glossary of Terms Used in Terminology* (Bessé *et al.*, 2011), apresentadas a partir de sua formalidade linguística, e etiquetadas como nome ou substantivo:

[en] **equivalence**
 [fr] **équivalence (f)**
 [es] **equivalencia (f)**
 [def] **The relationship of formal, semantic, or pragmatic correspondence between two linguistic units.**

Figura 3. Detalhes dos termos apresentados no glossário (2011).

E, igualmente, como adjetivo

[en] **equivalent 1**
 [fr] **équivalent 1 (m)**
 [es] **equivalente 1 (m)**
 [def] **An *expression* in one *language* which has the same *sense* and reference as an *expression* in another language.**

[en] **equivalent 2 ⇒ synonym**
 [fr] **équivalent 2 ⇒ synonyme**
 [es] **equivalente 2 ⇒ sinónimo**

Figura 4. Detalhes dos termos apresentados no glossário (2011).

Observe que no ISO 1087:2019 se define “equivalência” como a relação de designações entre línguas diferentes, sendo a representação de um mesmo conceito. De maneira semelhante, o glossário acima citado, descreve o termo equivalência como uma expressão em uma determinada língua que possui sentido e referente em outra língua. Este glossário ainda apresenta o item lexical “equivalência” como sinônimo. Nota-se, assim que em ambas as definições figuram a ideia de que tal fenômeno ocorre entre línguas naturais diferentes, com representação ou expressão concretas, bem como seu aspecto cognitivo, o conceito.

Em relação ao conceito de equivalência propriamente dito, Dubuc (1985), distingue equivalência de correspondência e declara:

On entend par équivalence entre deux termes de langues différentes une identité à peu près complete des contenus sémantiques à l'intérieur d'un même domaine d'application.[...] Il faut admettre que les équivalences absolues ne sont pas toujours possibles et que très souvent le terme de la langue A ne recouvre que partiellement le champ de signification du terme de la langue B ou vice versa (p. 37).

Para Dubuc (1985), a equivalência ocorreria somente em condições perfeitas, ou seja, haveria equivalência quando se confirmasse três critérios entre as unidades terminológicas: a identidade de sentido, de nível sociolinguístico e de uso (Chanut, 2012: 57). Dubuc considera como “correspondência”, o que, atualmente, se denomina como equivalência parcial, uma vez que o termo da língua A recobre apenas parcialmente o campo de significação do termo B. O autor referido igualmente inclui em sua análise um último item, o de não equivalência.

Esses três elementos contribuem para que o autor apresentasse uma proposta a respeito dos graus de equivalência, em três ocorrências essenciais para a equivalência: a. equivalência total, b. correspondência, c. vazios de equivalência ou de correspondência.

Em outras palavras, a equivalência total ocorre, para Dubuc (1985), quando um termo em uma determinada língua envolve por completo o conceito em outra língua, ou seja, quando ocorre identificação completa entre sentido, uso e registro dentro de um mesmo domínio. Note-se que nessa abordagem, a distinção entre o aspecto formal e conceitual não é declarado por Dubuc, mas é possível inferi-la, dado que sentido, uso e registro tratam do termo sob diferentes perspectivas.

Enquanto a correspondência, seria o que se chama de equivalência parcial atualmente. Esta ocorre quando um termo de uma língua recobre apenas parcialmente o campo de sentido da outra língua. Por último, os vazios de equivalência ou de correspondência quando não há equivalente na língua de chegada.

Antes de seguir, se faz necessário evocar que a equivalência passou a integrar os recursos teóricos da terminologia, a partir do momento em que se exigiu a equivalência do texto de chegada em sua expressão de sentido, bem como em sua estilística, ou seja, no ambiente de tradução interlinguística. De outro modo, o texto traduzido deveria apresentar tanto a forma quanto o conteúdo encontrado no texto original. Isso estabeleceu que o texto de chegada deveria respeitar às estruturas conceituais deste processo de tradução, considerando sua aplicação e descrição, de acordo com os contextos de comunicação.

Com isso, se pode compreender que com o advento da abordagem comunicativa da terminologia, outros elementos foram inseridos no estudo do termo. Estes sendo, o próprio termo visto para além da relação biunívoca, a variação terminológica, os contextos comunicativos e culturais em que se produz um discurso.

Em Pilar León-Araúz (2022), se pode confirmar esse percurso da equivalência.

Equivalence and variation became inseparable from the moment that different languages, cultures, and communicative situations were collectively taken into consideration. It is term, cultural, and conceptual variation that triggers the different degrees of equivalence between a source and a target concept/term or even between two concepts/terms with the same language (Idem: p. 477).

A autora referida acima declara que a variação conceitual, cultural e terminológica desencadeia os diferentes graus de equivalência entre um conceito ou um termo no texto de partida e seu par no texto de chegada. Fora isso, se pode inferir do trecho acima, que a abordagem terminológica comunicativa do discurso insere igualmente a pesquisa intralinguística nesta perspectiva de estudos, na qual se enquadra nossa investigação.

A respeito dos primeiros estudos sobre equivalência com impactos na terminologia, Maria Contente (2008) enfatiza que os teorizadores da terminologia afirmavam que o princípio da equivalência devia instituir-se por meio do conceito e não por meio do termo.

«si l'étude terminologique comparative (contrastive) explore les rapports entre la terminologie d'un domaine dans deux langues, elle doit avant tout chercher d'équivalence cible du terme source : c'est ce que nous appelons recherche d'équivalents ou recherche des équivalents» (Kocourek, 1991, apud Contente, 2008 : 244).

Ainda neste sentido, Contente afirma que

Ao compararmos os sistemas terminológicos em duas ou mais línguas diferentes verificamos as interferências de sistemas e a impossibilidade de fazer coincidir elementos de dois sistemas terminológicos de línguas diferentes, assim, o conceito de “valor” é equacionado tanto numa perspectiva contextual como situacional (Idem: 242).

Com base nesta afirmação, se amplia a percepção quanto ao papel da equivalência na terminologia e sua relação intrínseca com a tradução – ora interlinguística ora intralinguística -, sobretudo, ao que tange o próprio processo de identificação e criação de equivalentes sem se perder de vista a função comunicativa dos discursos técnico-científicos e de divulgação dos mesmos.

Para expandir a ideia do papel da equivalência na terminologia, cabe destacar que alguns traços observados na harmonização terminológica podem igualmente apoiar as reflexões sobre equivalência, dado que em uma abordagem de harmonização terminológica, a terminologia *deve respeitar as identidades culturais uma vez que os sistemas linguísticos têm estruturas diferentes que reflectem estruturas cognitivas e socioculturais diferentes* (Contente, 2008: 242).

Ao que tange aos aspectos socioculturais e por extensão pragmáticos, parece relevante destacar o conceito de anisomorfismo, encontrado nos estudos lexicográficos de Ladislav Zgusta (1971), o qual contempla a ideia de que a dificuldade basilar da coordenação das equivalências entre as unidades lexicais é causada pelo anisomorfismo das línguas, em outros termos, o inconveniente de encontrar equivalentes conceituais entre línguas distintas ocorre devido às diferenças na organização dos referentes, o que, por sua vez, gera ausência de conceitos equivalentes, ou *designata* das línguas individuais. O autor acrescenta:

What leaps most to the attention of even the average layman are the cases of the so-called culture-bound words: if, say, some plants

live or some things exist only in the area where the source language is spoken but not all in the area of the target language, there will be no really equivalent lexical units ready in the target language. It would be a mistake to think that this can happen only if the two cultures are vastly different, above all if one of them is “exotic” or old. On the contrary, this situation can occur in any two pairs of languages: there is nothing similar to the American drug-store in Europe and there is no suitable equivalent lexical unit in the European languages, either. (Idem: 294).

Como já se sabe e o autor reitera na passagem acima, tal fenômeno não se limita ao mundo extralinguístico. Esses tipos de eventos podem ocorrer em vários níveis linguísticos, tanto entre línguas diferentes quanto entre variantes de uma mesma língua.

León-Araúz igualmente destaca o anisomorfismo conceitual como indicativo da ausência de equivalência conceitual:

[...] in cross-lingual scenarios, conceptual anisomorphism may lead to a lack of conceptual equivalence (e.g. *crime* and *delito* in Spanish, since what constitutes a *crime* or a *delito* can vary, depending on the jurisdiction), whereas pragmatic variation may cause partial term equivalence, even if equivalence at the concept level is fully achieved. This is the case of the formal Spanish variant, *can* as opposed to the less formal term, *perro*, both of which mean dog. Since translation is one of the ultimate purposes of multilingual terminographic resources, the notions of terminological equivalence cannot disregard translation equivalence, although their scope and practical challenges are not exactly the same (Idem. 2022: 477).

Dessa maneira, se nota a relevância em considerar as colaborações dos estudos lexicográficos e da tradução na investigação da equivalência em Terminologia, pois estas tendem a apresentar os usos e as variantes dos termos em contextos culturais distintos, e muitas vezes, menos especializados que podem auxiliar a compreensão da base conceitual dos termos.

2.9.1. Equivalência interlinguística e intralinguística

É relevante ressaltar que os estudos sobre a equivalência geralmente partem da tradução interlinguística, a qual lida com a tradução de idiomas diferentes, como citamos

anteriormente. No entanto, as tipologias a respeito da equivalência vistas acima se aplicam igualmente à tradução ou adaptação intralinguística, o que pode ocorrer até mesmo com o critério “sem-equivalência”, como se observou em nosso *corpus* e será demonstrado na seção de análise dos termos.

2.9.2. Síntese

A variação constitui-se como sendo uma característica inerente das línguas naturais, portanto, está presente em todos os discursos, inclusive no discurso especializado e técnico, e pode ocorrer em todos os níveis linguísticos. Nesse sentido, se pode afirmar que, no contexto da Terminologia, a variação terminológica vem ganhando cada vez mais espaço. Essa expansão da variação terminológica se deve a vários fatores, entre eles a interdependência dos países e a globalização. No que tange às questões teóricas, observa-se que, desde a incorporação da perspectiva comunicativa nos estudos terminológicos, a área tem se desenvolvido, enfrentando novos desafios impostos pela complexidade da variação terminológica, como comunidades linguísticas diversas mesmo em contextos especializados, dado que estão inseridos em contextos culturais e sociais igualmente complexos.

Ademais, as colaborações de Freixa (2002; 2014) apresentam um método aplicável de análise das unidades terminológicas ao que tange à análise formal, especialmente para indivíduos que estão iniciando os estudos sobre o tema por apresentar um percurso teórico-prático, possível de executar mesmo que de forma incipiente.

Ademais, a reflexão a respeito da variação em terminologia e sua relação com a equivalência destaca o papel e a responsabilidade da terminologia na conceptualização do conhecimento. De forma curiosa, compreende-se que a variação denominativa ou conceitual impacta diretamente como será estabelecida a equivalência e equivalente.

Além disso, se compreende a relevância da equivalência no estudo da variação terminológica, uma vez que a própria atividade de se buscar por equivalentes em diferentes línguas ou variantes de uma mesma língua é um processo complexo em que se exige do terminólogo, tradutor, mediador cultural, professor de línguas, divulgador de ciência, vasto conhecimento dos fenômenos linguísticos, cognitivos e socioculturais das línguas de trabalho já que muitas vezes é necessário saber os motivadores cognitivos da criação de determinado conceito.

Assim, considerando que o interesse primário deste estudo é identificar a existência de variantes terminológicas nos *corpora* elaborados bem como analisá-las,

acabou-se por escolher o percurso observado em Freixa a partir de dois dos três pontos de vista da proposta da autora. Dessa maneira, nossa análise se propôs investigar a variação terminológica com base no ponto de vista linguístico e conceitual sempre que os *corpora* permitiram. O terceiro ponto de vista, o das causas para a variação é entendido como pressuposto, uma vez que se trata de uma investigação sobre variantes terminológicas.

Para finalizar, neste estudo não utilizamos o percurso de Faulstich (2001) por apresentar em sua categorização das variantes, as causas da variação e seu caráter linguístico formal misturados – níveis distintos observados igualmente -, o que impede a realização de nosso estudo inicial. De outra maneira, em Faulstich as variantes de registro e as formais aparecem no mesmo nível de análise. A este respeito Freixa comenta: *“Aunque Faulstich ya advierte que su división no anula la posibilidad de que los tipos de variantes se crucen entre sí, observamos que también en esta ocasión la clasificación mezcla el criterio formal y el causal, de forma que resulta difícilmente aplicable”* (Freixa, 2014: 315).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Neste capítulo, apresenta-se o procedimento metodológico que norteou esta investigação. O intuito principal da escolha da metodologia baseada na Linguística de *Corpus* e na Terminologia Textual foi a de tornar possível a análise de um conjunto de candidatos a termo, observados em discursos da vida e da gestão acadêmicas, a partir de seus contextos, em PB e PE.

Esta investigação teve como ponto de partida os candidatos a termo observados no uso em Portugal de certas unidades lexicais no contexto do ensino superior. Esses candidatos deram origem a uma tabela empírica, como se pode ver abaixo.

Português europeu (PE)
1. Licenciatura
2. ECTS
3. Grelha
4. Frequência
5. Propina
6. Explicador(a)
7. Ficha de Unidade Curricular (FUC)

8. Interrupção dos estudos
9. Comprovativo de morada
10. Processo de candidature
11. Provas de acesso ao ensino superior
12. Certificado de conclusão do Ensino Secundário
13. Gabinete do(a) professor(a)
14. O júri
15. Investigador(a)

Tabela 2 - Tabela empírica de unidades lexicais realizada antes da análise dos *corpora*.

Esta lista foi utilizada para confirmar ou não a presença destas unidades lexicais nos *corpora* estudados. Algumas das unidades foram confirmadas como veremos nas próximas páginas.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo os termos do domínio Ensino Superior, subdomínio Gestão de Ensino Superior, com foco nas variantes diatópicas da língua portuguesa – PB e PE. Muitas dessas variantes são facilmente identificadas pelos falantes nativos, porém, pouco autoexplicativas no contexto da vida universitária, o que indica a necessidade deste tipo de estudo para que os alunos expostos a estas culturas estejam preparados, evitando constrangimentos de comunicação.

A escolha desta temática justifica-se pela circulação de pessoas e de conhecimento notáveis entre ambas as culturas, de longa data, mas que vem sendo incrementada nos últimos anos, sobretudo, devido ao fato de brasileiros escolherem Portugal para a continuação de seus estudos, bem como as universidades portuguesas identificarem o Brasil como um mercado em potencial para divulgação de seus cursos.

Os candidatos a termo foram encontrados em conteúdos voltados aos alunos universitários como guias de alunos, resoluções e decretos presentes nos *sites* das universidades do Brasil e de Portugal.

Para realizar esta investigação utilizamos a ferramenta de análise de *corpus Sketch Engine* para identificar as variantes terminológicas com base na frequência, campo semântico e contexto de uso no domínio específico. Esta análise quantitativa foi complementada pelo estudo qualitativo para confirmar e validar os candidatos a termo, já que o estudo quantitativo está limitado por não identificar ambiguidades e variantes. O estudo qualitativo verifica o contexto de uso do candidato a termo, a variação terminológica e ambiguidade.

Esta metodologia corrobora a investigação uma vez que permite a visualização, a observação e a análise dos dados em contexto de uso nas variantes da língua portuguesa PB e PE, já que dois *corpora* especializados foram criados para este fim.

Esta investigação busca preencher uma lacuna que há neste campo, isto é, a crença em que tudo é compreendido nas interações entre falantes de PE e PB, por se tratar de uma só língua, desprezando o valor da cultura e o peso da falta de compreensão das variantes terminológicas em contexto do ensino superior. Objetiva-se analisar as variantes terminológicas encontradas em seus contextos, a frequência de uso, considerando principalmente a variação diatópica.

Em nosso caso, utilizamos dois *corpora* de discursos que circulam no meio universitário e direcionados a alunos, um em PB e outro em PE encontrados nos *sites* oficiais de instituições de ensino superior brasileiras e portuguesas, no período entre 2018-2024. A opção por analisar estes *corpora* à luz da Linguística de *Corpus* se deu com base na necessidade de identificar e verificar de maneira ampla e quantitativa os candidatos a termos. Fora isso, esta abordagem ainda permite que se examine a frequência, os contextos, as variantes, e as combinações linguísticas em que esses termos aparecem nos *corpora* aqui apresentados.

Já a Terminologia Textual, combinada à Linguística de *Corpus*, orienta as investigações desta área de estudos quanto à gestão e aos contextos em que se atualizam os termos em discurso de acordo com os domínios de especialização do conhecimento, bem como norteia os estudos terminológicos ao que tange à identificação e à extração de termos que evidenciam conceitos, segundo critérios linguístico-discursivos, como o valor semântico de determinado conceito de acordo com os contextos de comunicação especializada, bem como a frequência e uso de um termo de maneira específica.

Nesse estudo, a Terminologia Textual, sobretudo, segundo o referencial teórico baseado em Cabré (1993) e Freixa (2002; 2014) guia nossa investigação a respeito da variação terminológica, principalmente em relação às variantes encontradas entre PB e PE no contexto da vida acadêmica, uma vez que esta abordagem permite a observação dos dados linguísticos como os descritos acima, uma vez que esta abordagem permite a observação dos dados linguísticos como descritos acima.

3.1. Delimitação e estruturação do domínio

Um dos primeiros passos de um projeto em Terminologia Textual está em delimitar um domínio de investigação. É importante lembrar de que não se pode incorrer

em erro de selecionar uma área inteira de conhecimento, como a Linguística ou a Engenharia. A seleção de um domínio se faz mandatória nesta abordagem. Ao escolher um domínio evitam-se problemas como:

- a. Perder o foco dos textos que compõem o *corpus*.
- b. Lidar com os desdobramentos em múltiplas subáreas do conhecimento.
- c. Dispersão do conteúdo em questão.

Fora outras consequências que não são cruciais ao projeto como a inserção de termos de outros domínios, o que pode, às vezes, tornar o estudo inviável.

Ao mesmo tempo, há alguns elementos que auxiliam a escolha do domínio como o interesse e relevância do tema para investigador, a aproximação desse investigador de profissionais que atuem na área em que se insere o domínio, a disponibilidade dos textos em formato digital para a composição do *corpus*.

O domínio desta investigação é Gestão do Ensino Superior, subárea inserida na área de Administração e Organização Escolar, com ênfase na temática relacionada à Vida Universitária, o que inclui, mas não se limitam aos seguintes pontos:

- a. Temas relacionados à Vida Universitária: procedimentos relacionados a matrículas, disciplinas, estágios, trancamento de matrícula e orientações acadêmicas.
- b. Temas relacionados à Gestão do Ensino Superior: serviços de apoio ao aluno, gestão de programas de intercâmbio e mobilidade acadêmica; permanência estudantil.
- c. Contextos de uso: documentos institucionais de universidades brasileiras e portuguesas, por exemplo, guias de aluno, regulamentos, decretos, despachos relacionados aos alunos.

Como notamos acima, nosso estudo está demilitado no subdomínio Gestão do Ensino Superior, subárea inserida na área de Administração e Organização Escolar sob a Classificação Decimal Universal (CDU) 37.014. Neste domínio, buscou-se identificar os termos dialetais que apresentam variação terminológica nos dois *corpora* compilados. O passo seguinte foi o de coleta de dados textuais verificados para conhecer melhor os discursos envolvidos neste tema e de fato identificar os termos.

3.2 Coleta de dados

Para isso, utilizamos o motor de busca *Google* com palavras-chave selecionadas de forma intuitiva, já que temos uma certa proximidade com o tema. Assim, acabamos por conhecer instituições, organizações e entidades públicas brasileiras e portuguesas que apresentam em seus sites textos inseridos neste subdomínio. Acreditamos que a confiabilidade das fontes localiza-se no prestígio de serem oriundas de instituições públicas já atestadas pela sociedade por meio de seu caráter tradicional. Outro elemento relevante foi a disponibilidade de documentos já em PDF nos *sites* citados, o que facilita o processamento dos textos na ferramenta *Sketch Engine*.

3.3. *Corpus* textual

Nesta seção, apresentamos os dados dos *corpora* compilados bem como os elementos que os constituem como relevantes, homogêneos e representativos, como a sua estrutura e composição; bem como sua tipologia textual.

Com os objetivos principais de observar, descrever, analisar, apresentar, e esperamos, explicar, os fenômenos terminológicos relacionados aos termos e conceitos encontrados nos *corpora* em questão, investiga-se um *corpus* estruturado, de um lado, a partir dos documentos elaborados para as universidades de ambos os países os quais têm como objetivo informar os estudantes. Trata-se de, como mencionado, guias do aluno, regulamentos, decretos, despachos relacionados aos alunos, principalmente, despachos e regulamentos internos relacionados ao Ensino Superior e à Vida Acadêmica.

O *corpus* em português brasileiro está constituído de guias de aluno e outros documentos como resoluções, cartas de serviços, relacionadas vida acadêmica de universidades públicas do país. Buscou-se contemplar pelo menos uma instituição por estado brasileiro, incluindo o Distrito Federal, ao todo são 27 textos elaborados por 27 universidades federais, sendo elas:

1. Universidade Federal do Acre – [resolução]
2. Universidade Federal do Alagoas – [carta de serviços]
3. Universidade Federal do Amapá – [guia acadêmico]
4. Universidade Federal do Amazonas – [guia do aluno]
5. Universidade Federal do Bahia – [guia do estudante]
6. Universidade Federal de Brasília – [manual do estudante]

7. Universidade Federal do Ceará – [manual do estudante]
8. Universidade Federal do Espírito Santo - [manual do estudante]
9. Universidade Federal de Goiás - [manual do estudante]
10. Universidade Federal de Mato Grosso – [carta de serviços]
11. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – [resolução]
12. Universidade Federal de Minas Gerais – [manual do aluno]
13. Universidade Federal do Maranhão – [resolução]
14. Universidade Federal do Pará – [guia do estudante]
15. Universidade Federal da Paraíba – [manual do estudante]
16. Universidade Federal do Paraná – [manual da estudante e do estudante]
17. Universidade Federal de Pernambuco – [manual do estudante]
18. Universidade Federal do Piauí – [manual do calouro]
19. Universidade Federal do Rio de Janeiro – [guia de suporte ao calouro]
20. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [guia do ingressante]
21. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – [manual do calouro]
22. Universidade Federal de Rondônia – [guia do estudante]
23. Universidade Federal do Roraima – [código de ética discente]
24. Universidade Federal de Santa Catarina – [manual de sobrevivência]
25. Universidade Federal de São Paulo – [manual de estudante]
26. Universidade Federal de Sergipe – [guia de sobrevivência do(a) estudante]
27. Universidade Federal de Tocantins – [manual de sobrevivência do calouro]

De maneira semelhante, o *corpus* em PE está estruturado a partir dos documentos encontrados nos sites das instituições de ensino. O *corpus* PE também está constituído de guias de aluno e outros documentos como despachos, regulamentos focados na vida acadêmica de universidades públicas do país. Buscou-se contemplar pelo menos uma universidade em cada distrito de Portugal e regiões autônomas – considerando os distritos

em que há universidades públicas. Em alguns distritos de Portugal não há universidades, sendo eles: Beja, Bragança, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Viana do Castelo e Viseu; porém, esses locais são atendidos por institutos politécnicos que atendem a região em que estão situadas. Ao todo são 12 textos elaborados por 12 instituições públicas portuguesas, sendo elas:

1. Universidade dos Açores – [guia de candidatura para mobilidade]
2. Universidade do Algarve – [código de praxe]
3. Universidade de Aveiro – [guia do estudante internacional]
4. Universidade do Minho (Braga) – [guia de acolhimento aos novos alunos]
5. Universidade da Beira Interior (Castelo Branco) – [guia de acolhimento]
6. Universidade de Coimbra – [guia de acolhimento]
7. Universidade de Évora – [guia de procedimentos acadêmicos]
8. Universidade de Lisboa (Lisboa) – [regulamento de bolsas de estudos]
9. Universidade da Madeira – [regulamento do observatório do estudante]
10. Universidade do Porto – [guia do estudante]
11. Universidade Nova de Lisboa (Setúbal) – [guia de estudante]
12. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real) – [estatuto]

Selecionou-se tais *corpora* por se inferir que esses tipos de texto podem apresentar diversos contextos em que se pode localizar os termos relacionados às temáticas do domínio em questão, sobretudo, em termos de descrição da vida acadêmica no ensino superior.

A respeito do tipo de *corpus*, trata-se de dois *corpora*, originalmente escritos em suas variantes; conectados pela mesma função comunicativa, portanto, categorizados como *corpora* comparáveis mesmo não se tratando de línguas diferentes, mas de variantes da mesma língua, como mencionado (Bowker & Pearson, 2002: 12).

Quanto à tipologia textual, os textos podem ser descritos como guias de aluno, estatutos discentes, regulamentos voltados a alunos universitários. Abaixo apresenta-se os critérios que indicam a relevância, a representatividade e a homogeneidade dos *corpora* compilados.

Portanto, os textos analisados estão diretamente relacionados, pois, apresentam a mesma:

a. Tipologia e cobertura temática: tratam do mesmo tema, orientam e informam os alunos quanto à iniciação ao mundo universitário.

b. Língua: ambos os *corpora* estão em língua portuguesa.

c. Interlocutor: destinam-se a alunos e alunas universitários na vida acadêmica, ou seja, possuem a mesma intenção.

d. Autores: Diversos; sendo as próprias instituições de ensino ou entidades contratadas pelas mesmas.

e. Origem: Foram retirados dos sites das instituições de ensino.

f. Período: Foram escritos entre 2018-2024.

Os textos analisados distinguem-se quanto à:

a. A variante: há a presença de duas variantes diatópicas da língua portuguesa, a brasileira e a europeia.

Como descrito acima, os *corpora* são constituídos de textos que integram guias de aluno bem como documentos comuns do cotidiano do aluno do ensino superior, como códigos de conduta, regulamentos e despachos, estatutos discentes. A temática geral desses textos foca-se sobre os procedimentos necessários à vida acadêmica. Neles é possível encontrar orientações comuns a respeito das atividades de um aluno em uma instituição de ensino superior, como a efetuação de matrícula e os procedimentos para a realização de exame de recuperação. Devido à natureza dos textos, isto é, trazem informações de diversos cursos e procedimentos; são elaborados com a colaboração de diferentes departamentos e secretarias das universidades; entende-se que os autores são

múltiplos e integram vários departamentos como comunicação e marketing; gestão e equipe acadêmica de cada instituição de ensino.

Em seguida, vejamos, os detalhes quantitativos dos *corpora* observados.

3.4. Dados quantitativos dos *corpora* monolíngues

Como já é sabido, a Linguística de *Corpus* apoia-se em recursos computacionais para a coleta e a análise de textos. Para esta investigação, utilizou-se a ferramenta *Sketch Engine*, como antes referido. Trata-se de uma ferramenta ou um software que funciona como um gerenciador de análise de textos que auxilia na extração, observação e análise dos candidatos a termo; neste momento, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS), da Universidade do Algarve, tem licença para que os alunos do curso de Ciências da Linguagem acessem o *Sketch Engine*.

Com esta ferramenta observam-se não apenas a frequência das unidades lexicais, mas também outros elementos linguísticos, como expressões fixas ou combinações de palavras bem como seus contextos de uso. Quanto ao tipo de elementos linguísticos, ou unidades terminológicas observáveis (Estopà (1999), citado por Krieger & Finatto, 2021: 204-205), nota-se uma tipologia constituída de dois grandes grupos:

- a. Unidades terminológicas lexicais ou unidades terminológicas simples: nominais, adjetivais, verbais, adverbiais.
- b. Unidades terminológicas não lexicais ou unidades terminológicas complexas: unidades fraseológicas especializadas, combinações recorrentes.

Considerando esses dois tipos de unidades terminológicas, partiu-se em busca dos candidatos a termo.

Ao que tange à quantidade de ocorrências, há 188, 157 mil no *corpus* em (PB) enquanto no *corpus* (PE) figuram 108, 483 mil ocorrências, extraídas após compilação do *corpus*, como se pode notar na figura abaixo.

RECENTLY USED CORPORA			NEW CORPUS
PE	Portuguese	108,483	
PB	Portuguese	188,157	

Figura 3 - Imagem da contagem semiautomática de ocorrências realizada pelo Sketch Engine.

Como se pode notar na imagem, o *corpus* em PB apresenta uma quantidade maior de *tokens* se comparado ao *corpus* em PE, devido ao critério escolhido, o qual se selecionou 1 texto para compor o *corpus* de pelo menos uma universidade federal referente aos 26 estados brasileiros mais o distrito federal, totalizando 27 textos; já o *corpus* em PE foi compilado com base nas universidades públicas de cada distrito português, incluindo as regiões autônomas. Em Portugal, há 18 distritos e 2 regiões autônomas, mas nem todo distrito possui universidades públicas, como se viu anteriormente. Neste caso, o *corpus* PE resultou em 12 textos de 12 universidades públicas do país.

3.4.1. Extração, filtragem por categoria gramatical e identificação de candidatos a termo

A primeira etapa desse processo foi o da extração dos candidatos a termo. Para isso, foi necessário a utilização do recurso ‘lista de palavras’ ou ‘*wordlist*’, disponível no *Sketch Engine*. Trata-se de um recurso que gera semiautomaticamente uma lista de palavras mais frequentes no *corpus* analisado. Portanto, o critério utilizado foi o da frequência. Nesse processo, foi igualmente possível selecionar a categoria morfológica e combinações. Nesse momento, selecionou-se apenas a classe morfológica, substantivo/nome, uma vez que a maioria dos termos são formados de substantivos/nomes ou por sintagmas nominais, ou seja, substantivos +prep.+ substantivos e/ou substantivos

adjetivos.

WORDLIST PB

Get more space

noun (6,355 items | 70,449 total frequency)

Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓
1 curso	1,210 ...	14 conselho	446 ...	27 projeto	258 ...	40 site	228 ...
2 estudante	891 ...	15 pesquisa	437 ...	28 educação	254 ...	41 s	227 ...
3 resolução	824 ...	16 extensão	397 ...	29 período	246 ...	42 atendimento	226 ...
4 universidade	757 ...	17 informação	364 ...	30 administração	242 ...	43 prazo	214 ...
5 aluno	632 ...	18 serviço	350 ...	31 pessoa	241 ...	44 componente	214 ...
6 graduação	579 ...	19 campus	342 ...	32 professor	240 ...	45 avaliação	214 ...
7 matrícula	576 ...	20 pós-graduação	305 ...	33 instituição	239 ...	46 biblioteca	209 ...
8 atividade	570 ...	21 e-mail	284 ...	34 semestre	237 ...	47 ciências	208 ...
9 ensino	568 ...	22 unidade	282 ...	35 meio	234 ...	48 ação	207 ...
10 art.	563 ...	23 centro	279 ...	36 pró-reitoria	233 ...	49 desenvolvimento	196 ...
11 processo	551 ...	24 caso	268 ...	37 ufc	232 ...	50 documento	194 ...
12 programa	473 ...	25 direito	267 ...	38 coordenação	232 ...		
13 disciplina	449 ...	26 dia	258 ...	39 sistema	230 ...		

Rows per page: 50 1–50 of 6,355 1 / 128

WORDLIST PB

Get more space

noun (6,355 items | 70,449 total frequency)

Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓
51 bolsa	190 ...	64 formação	167 ...	77 aula	150 ...	90 t	135 ...
52 órgão	190 ...	65 diploma	165 ...	78 usuário	150 ...	91 saúde	135 ...
53 acesso	189 ...	66 d	163 ...	79 docente	149 ...	92 vaga	130 ...
54 lei	187 ...	67 registro	160 ...	80 trancamento	146 ...	93 licenciatura	129 ...
55 forma	186 ...	68 departamento	160 ...	81 membro	144 ...	94 iii	129 ...
56 ano	185 ...	69 inovação	157 ...	82 ufsc	143 ...	95 contato	128 ...
57 n	183 ...	70 comissão	156 ...	83 etapa	142 ...	96 redação	127 ...
58 regimento	182 ...	71 grau	155 ...	84 reitor	141 ...	97 manual	127 ...
59 trabalho	179 ...	72 tempo	155 ...	85 auxilio	141 ...	98 setor	125 ...
60 secretaria	174 ...	73 ato	154 ...	86 ii	138 ...	99 conhecimento	124 ...
61 comunidade	171 ...	74 gestão	153 ...	87 calendário	138 ...	100 representante	124 ...
62 estágio	171 ...	75 solicitação	153 ...	88 instituto	136 ...		
63 área	168 ...	76 telefone	152 ...	89 apoio	135 ...		

Rows per page: 50 51–100 of 6,355 2 / 128

Figura 4 - Wordlist em PB gerada semiautomaticamente para extração de candidatos a termo das primeiras cem ocorrências.

WORDLIST PE

noun (4,053 items | 40,608 total frequency)

Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓
1 estudante	981	14 apoio	221	27 documento	170	40 acolhimento	141
2 universidade	507	15 informação	218	28 aveiro	167	41 propina	139
3 artigo	466	16 ciclo	217	29 investigação	166	42 faculdade	139
4 estudo	418	17 conselho	210	30 acesso	158	43 reitor	137
5 ano	384	18 inscrição	207	31 uc	152	44 portugal	137
6 curso	360	19 caso	196	32 trabalho	148	45 ação	135
7 ensino	341	20 escola	195	33 termo	148	46 dia	134
8 bolsa	304	21 c	189	34 candidatura	147	47 situação	133
9 serviço	265	22 mobilidade	187	35 grau	146	48 atribuição	131
10 valor	252	23 atividade	185	36 educação	146	49 d	131
11 b	232	24 cidade	180	37 gestão	144	50 plano	129
12 instituição	229	25 número	176	38 regulamento	144		
13 n	226	26 unidade	174	39 serviços	142		

Rows per page: 50 1-50 of 4,053

WORDLIST PE

noun (4,053 items | 40,608 total frequency)

Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓	Noun	Frequency ? ↓
51 ciências	126	64 pagamento	111	77 departamento	98	90 aluno	84
52 formação	125	65 período	110	78 ua	95	91 conta	82
53 saúde	122	66 praxe	109	79 área	93	92 estudantes	81
54 condição	120	67 utad	109	80 competência	93	93 desporto	81
55 parte	118	68 membro	108	81 órgão	93	94 alteração	80
56 programa	116	69 âmbito	107	82 espaço	92	95 recurso	80
57 prazo	115	70 fcsH	105	83 desenvolvimento	91	96 alínea	79
58 docente	115	71 semestre	101	84 país	91	97 república	78
59 centro	113	72 alojamento	101	85 requerimento	90	98 vida	78
60 projeto	113	73 coimbra	101	86 avaliação	88	99 rendimento	77
61 residência	113	74 processo	100	87 guia	88	100 biblioteca	77
62 regime	112	75 presidente	100	88 pólo	87		
63 estatuto	111	76 matrícula	99	89 ipcB	84		

Rows per page: 50 51-100 of 4,053

Figura 5 - Wordlist em PE gerada semiautomaticamente para extração de candidatos a termo das primeiras cem ocorrências.

Como se sabe, somente a frequência com que uma unidade lexical simples ou não ocorre no *corpus* não garante que ela seja um termo, já que um termo pode ser altamente técnico, mas ao mesmo tempo não apresentar alta frequência no *corpus*. Portanto outros critérios foram utilizados, como comparar as *wordlists* gerados com a tabela empírica, além de utilizar outras ferramentas disponíveis no *Sketch Engine*, como o *Word Sketch* que busca unidades poliléxicas.

A etapa seguinte foi verificar quais unidades geradas na primeira listagem eram de fato candidatos a termo com base no *corpus*. Para isso, comparamos a lista empírica inicial (Tabela 2) com as *Wordlists* acima. Dos itens da lista empírica inicial, destacou-se apenas “propina” entre as 100 primeiras ocorrências com formas simples; seguida por “gabinete” e “licenciatura” já entre as primeiras 260 ocorrências. Entretanto, houve uma ocorrência que chamou atenção, a unidade lexical “acolhimento”. Para incluir esse

candidato como um possível termo, combinamos à experiência que se ganhou por estar exposta ao ensino superior em Portugal, tanto à variante falada quanto à escrita, bem como à experiência de participar de processos de mobilidade acadêmica ou intercâmbio acadêmico durante esse processo. Outro elemento que auxiliou a inserção desta unidade lexical foi o uso do recurso *word sketch* para busca combinada do item “acolhimento”, o qual resultou o candidato a termo “universidade de acolhimento”, ou seja, figurava como unidade terminológica complexa

Quanto à lista em PB, as unidades destacadas entre as 100 primeiras ocorrências foram “graduação”, “licenciatura” e “trancamento”. Neste caso, o item “trancamento” também figurava na lista empírica como expressão poliléxica, “trancamento de matrícula”, o que também orientou a busca no *word sketch*. Já entre as primeiras 200 ocorrências houve a confirmação de outro item da lista empírica, a unidade “colação”, o que a experiência linguística já anunciava que poderia ser a forma complexa “colação de grau”, a qual iria se confirmar com o uso do recurso *word sketch e do concordance*, das 78 ocorrências, as 78 se mantêm como unidades poliléxicas no *corpus* em PB.

Uma das maneiras de se observar as unidades poliléxicas é por meio do recurso *Keywords* do *Sketch Engine*. Com ele se visualiza as formas complexas do corpus, além de poder compará-las a um corpus de referência. Isso permite se adiantar quanto às formas complexas que podem vir a ser termos. Veja abaixo as imagens dos resultados desse recurso.

Term	Frequency per million?		Term	Frequency per million?	
	Focus	Reference		Focus	Reference
1 Regimento geral	470.16	0.26 ***	26 Subunidades acadêmica	99.21	< 0.01 ***
2 Conselho universitário	534.86	0.94 ***	27 curso de graduação	716.03	6.40 ***
3 Conselho de ensino	336.45	0.23 ***	28 deliberação do conselho	120.78	0.29 ***
4 PROCESSO administrativo	297.63	0.17 ***	29 termo do regimento	94.90	0.05 ***
5 componente curricular	556.43	1.43 ***	30 Restaurante universitário	116.46	0.31 ***
6 duração da etapa	202.73	< 0.01 ***	31 Biblioteca setorial	94.90	0.08 ***
7 Unidade acadêmica	224.30	0.29 ***	32 Projeto pedagógico	125.09	0.46 ***
8 Unidades acadêmica	189.79	0.10 ***	33 direito a atendimento	146.66	0.73 ***
9 manual de processo administrativo	163.91	< 0.01 ***	34 Pró-Reitoria de assuntos	99.21	0.19 ***
10 manual de processo	163.91	0.02 ***	35 Parágrafo único	138.03	0.65 ***
11 calendário acadêmico	207.04	0.42 ***	36 ajuste de matrícula	86.27	0.04 ***
12 colação de grau	215.67	0.68 ***	37 termo do regimento geral	81.95	< 0.01 ***
13 canal de prestação	129.40	0.02 ***	38 vida acadêmica	172.54	1.11 ***
14 Portal do aluno	142.34	0.13 ***	39 atividade de ensino	176.85	1.24 ***
15 integralização curricular	129.40	0.05 ***	40 Atividades acadêmica	86.27	0.11 ***
16 Calendário acadêmico	138.03	0.15 ***	41 estudante de graduação	172.54	1.21 ***
17 Assistência estudantil	211.36	0.78 ***	42 prestação web	77.64	0.00 ***
18 período letivo	211.36	0.84 ***	43 atividade complementar	146.66	0.88 ***
19 histórico escolar	207.04	0.82 ***	44 trancamento parcial	77.64	0.01 ***
20 Assuntos estudantil	163.91	0.45 ***	45 Conselho diretor	150.97	1.02 ***
21 Tempo de duração da etapa	112.15	0.00 ***	46 princípio expresso	77.64	0.05 ***
22 unidade acadêmica	150.97	0.36 ***	47 Sistema de bibliotecas	86.27	0.17 ***
23 Ensino de graduação	138.03	0.31 ***	48 semestre letivo	146.66	0.98 ***
24 Pró-Reitoria de graduação	138.03	0.31 ***	49 direito a atendimento presencial	73.33	0.00 ***
25 atividade acadêmica	228.61	1.28 ***	50 conforto dos locais	73.33	0.00 ***
51 direito a tratamento prioritário	73.33	0.00 ***	76 campus de goiabeiras	69.01	0.03 ***
52 Presunção da boa-fé do usuário	73.33	0.00 ***	77 Coordenação de ensino	69.01	0.04 ***
53 serviço etapa	73.33	0.00 ***	78 Dias letivo	64.70	< 0.01 ***
54 conforto dos locais de atendimento	73.33	0.00 ***	79 voto uninominal	64.70	< 0.01 ***
55 instalação salubre	73.33	0.00 ***	80 Calendário universitário	64.70	< 0.01 ***
56 boa-fé do usuário	73.33	< 0.01 ***	81 Sindicância investigativa	64.70	< 0.01 ***
57 dúvida sobre este serviço	73.33	< 0.01 ***	82 grau de recurso	77.64	0.22 ***
58 usuário no atendimento	73.33	< 0.01 ***	83 Direção do colégio	64.70	0.02 ***
59 direito a atendimento prioritário	73.33	< 0.01 ***	84 registro acadêmico	69.01	0.13 ***
60 atendimento pautado	73.33	< 0.01 ***	85 coordenação de curso	69.01	0.13 ***
61 trancamento de matrícula	77.64	0.07 ***	86 condição de acessibilidade	73.33	0.20 ***
62 Órgãos executivo	73.33	< 0.01 ***	87 criança de colo	73.33	0.20 ***
63 pessoa com crianças de colo	73.33	0.02 ***	88 canal de prestação web	60.39	0.00 ***
64 direito a tratamento	73.33	0.03 ***	89 sex são	60.39	0.00 ***
65 pessoa com crianças	73.33	0.03 ***	90 Unidade da administração	60.39	< 0.01 ***
66 aproveitamento de estudos	77.64	0.09 ***	91 Cursos de graduação	81.95	0.35 ***
67 oferta de disciplinas	77.64	0.10 ***	92 subunidade acadêmica	60.39	< 0.01 ***
68 usuário do serviço público	73.33	0.05 ***	93 Administração setorial	60.39	< 0.01 ***
69 coordenação do curso	103.52	0.48 ***	94 Câmara de administração	60.39	0.01 ***
70 comunidade universitária	129.40	0.84 ***	95 Gestão acadêmica	64.70	0.09 ***
71 tratamento prioritário	73.33	0.05 ***	96 atendimento prioritário	73.33	0.26 ***
72 MANUAL de processo	69.01	0.00 ***	97 Centro de ciências	176.85	2.01 ***
73 Coordenação de curso	73.33	0.07 ***	98 Gestão de atividades	60.39	0.06 ***
74 vulnerabilidade socioeconômica	86.27	0.25 ***	99 ação de extensão	86.27	0.51 ***
75 Normas regulamentar	69.01	0.01 ***	100 Programa institucional	103.52	0.81 ***

Figura 6 - Imagens das unidades léxicas complexas PB visualizadas no Sketch Engine a partir do Keywords por Multiword Terms (MWTs).

Igualmente, visualizam-se as unidades complexas em PE.

Term	Frequency per million ²		
	Focus	Reference	
1 ciclo de estudos	897.47	0.56	***
2 unidade orgânica	526.40	0.55	***
3 valor da propina	345.18	0.07	***
4 bolsa de estudo	983.77	2.28	***
5 conselho geral	345.18	0.24	***
6 conselho científico	293.40	0.14	***
7 Residência universitária	267.52	0.05	***
8 atribuição de bolsa	267.52	0.06	***
9 Serviços de ação	267.52	0.07	***
10 unidade orgânica de investigação	241.63	< 0.01	***
11 Código de praxes	224.37	0.00	***
12 conselho pedagógico	233.00	0.07	***
13 estudante internacional	336.55	0.56	***
14 situação de emergência por razões humanitárias	198.48	< 0.01	***
15 situação de emergência por razões	198.48	< 0.01	***
16 emergência por razões humanitárias	198.48	< 0.01	***
17 emergência por razões	198.48	< 0.01	***
18 atribuição de bolsa de estudo	198.48	< 0.01	***
19 UNIVERSIDADE de aveiro	198.48	< 0.01	***
20 ciclo de estudos conducentes	198.48	< 0.01	***
21 estudo conducente	198.48	0.02	***
22 estudante inscrito	224.37	0.15	***
23 plano de estudos	310.66	0.63	***
24 conselho académico	189.85	< 0.01	***
25 ensino superior público	224.37	0.20	***
26 indexante dos apoios sociais	189.85	0.02	***
27 indexante dos apoios	189.85	0.02	***
28 razão humanitária	198.48	0.09	***
29 valor da bolsa	215.74	0.22	***
30 regime de tempo	215.74	0.22	***
31 Universidade de aveiro	440.11	1.48	***
32 estudante em situação	189.85	0.08	***

33	grau de mestre	258.89	0.48	***
34	estudante em situação de emergência	172.59	< 0.01	***
35	unidade curricular	431.48	1.51	***
36	estudo conducente ao grau	172.59	< 0.01	***
37	ciclo de estudos conducentes ao grau	172.59	< 0.01	***
38	ciclo de estudos conducente ao grau	172.59	0.03	***
39	agregado familiar	422.85	1.53	***
40	Universidade do algarve	258.89	0.56	***
41	bolsa base anual	163.96	0.00	***
42	bolsa base	163.96	< 0.01	***
43	estudante em situação de emergência por razões	163.96	< 0.01	***
44	colégio doutoral	163.96	< 0.01	***
45	estudante em situação de emergência por razões humanitárias	163.96	< 0.01	***
46	grau de licenciado	181.22	0.11	***
47	ano letivo em causa	163.96	< 0.01	***
48	propina máxima	163.96	0.01	***
49	número anterior	569.55	2.61	***
50	Associação académica	233.00	0.49	***

Figura 7 - Imagens das unidades léxicas complexas PE visualizadas no Sketch Engine a partir do Keywords por Multiword Terms (MWTs)².

Como é sabido, as expressões poliléxicas costumam ser um complicador no tratamento automático de palavras, pois,

Les expressions polylexicales (EPL, en anglais MWE ou *multiword expression*) sont un problème ouvert et difficile dans le traitement automatique de la langue naturelle, en raison de leur nature complexe. Savoir ce qui peut être considéré comme un EPL est une question polémique. Di simplement, les EPL sont des combinaisons

² Os números ao lado dos dados linguísticos representam a frequência relativa dos termos no *corpus* de análise em relação ao *corpus* de referência, o qual tem apenas valor ilustrativo.

conventionnelles et récurrentes de mots dans le langage courant (Ramisch, 2012 : 198).

Sabendo desse detalhe, a próxima etapa foi a observação dessas unidades poliléxicas encontradas em nossos *corpora* por meio do recurso “*word sketch*” do *Sketch Engine*. Essa ferramenta permite realizar a busca por meio do elemento chave do candidato a termo, apresentando as combinações mais frequentes. Esse mecanismo gerou os resultados que podem ser observados abaixo, com a inserção da unidade “acolhimento” na busca.

The screenshot shows the Word Sketch interface with the search term 'PE' and a filter for 'acolhimento' (noun, 58 occurrences). The results are organized into four columns:

sintagma preposicional	acolhimento + verbo	adjetivo + acolhimento	acolhimento + adjetivo participial
...de acolhimento	honrar acolhimento que honre	bom bom acolhimento e integração	assinar de acolhimento devidamente assinados
acolhimento em+o substantivo	preencher acolhimento , também poderá exigir que preencha	melhor melhor acolhimento	referir acolhimento referida
acolhimento de+os substantivo	elaborar acolhimento e a integração de estudantes internacionais , elabora		
acolhimento por substantivo	consultar acolhimento ou consulte		
...em+o acolhimento	considerar acolhimento que considere		
...para acolhimento	ir acolhimento dentro dos prazos , a mesma irá		
acolhimento de+o substantivo	encontrar acolhimento em que se encontra		
...em acolhimento	dever acolhimento deverá		
...a+o acolhimento	poder acolhimento , também poderá		
	ser		

Figura 8 - Primeira listagem geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch.

Logo, notou-se que figurava entre as opções o sintagma preposicional “de acolhimento”. Ao clicar nesta opção, o seguinte resultado foi gerado.

...de acolhimento

✓ Show frequencies ✓ Show scores

universidade da universidade de acolhimento	13	12.8	...
instituição instituição de acolhimento	14	12.4	...
Universidade da Universidade de acolhimento	10	10.9	...
sessão sessões de acolhimento	2	10.4	...
Instituição Instituição de acolhimento e	2	10.4	...
país país de acolhimento	1	9.2	...
processo processos de acolhimento	1	8.6	...

Figura 9 - Segunda listagem por geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch.

Como se pode observar, no *corpus* em PE a unidade poliléxica “universidade de acolhimento” aparece logo na primeira entrada. Além disso, se observamos as demais entradas, notamos que aparecem relacionadas ao sentido da primeira, o que poderá ser confirmado mais adiante quando o contexto for observado.

Para a observação dos contextos em que os candidatos a termo ocorrem, utilizou-se o recurso, *concordance*, para acessar o contexto e o campo semântico em que as unidades lexicais aparecem. Esse recurso permite que se visualize em contextos reais e usuais os candidatos a termo, busca por expressões fixas ou padrões de co-ocorrências. Veja abaixo.

The screenshot shows the Concordance tool interface. At the top, there's a search bar with 'PE' entered. Below it, a table lists 15 search results. Each row contains a document ID (doc#2), a snippet of text, and the search term 'DE ACOLHIMENTO' highlighted in red. The snippets are:

- 12 CHEGADA NA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO 13 ALTERAÇÕES AO LEARNING AGRI
- 14 SAÍDA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO 14 INFORMAÇÕES ADICIONAIS
- s suas propinas na UAc ficando isentos do seu pagamento na universidade de acolhimento , salvo no caso dos acordos de cooperação que estipulam expressamente e
- am expressamente a necessidade de pagamento de propinas na instituição de acolhimento .</s><s>Toda a correspondência relativa à mobilidade é feita através de not
- Neste passo terá de escolher o país, a cidade da Instituição e a Instituição de acolhimento e a sua área de estudo.</s><s>Só pode escolher instituições com as quais
- ortugal para estudos - Guia de candidatura online apresentar na instituição de acolhimento ou consulte a página da UAc, relativamente aos exames e cursos disponive
- lante e restante documentação exigida, quer na UAc, quer na Universidade de acolhimento .</s><s>Pelo que nesta fase, exige-se especial dedicação, atenção e cump
- studos - Guia de candidatura online No entanto, se o prazo da universidade de acolhimento for anterior ao prazo estipulado pela UAc, os alunos deverão terminar a can
- alunos deverão terminar a candidatura até ao prazo dado pela universidade de acolhimento .</s><s>Nota Se o prazo da candidatura na UAc não for cumprido, o aluno
- Neste estado, o/a estudante poderá ter necessidade de alterar a instituição de acolhimento .</s><s>Não Aceite: não tem permissão para avançar com a candidatura.</
- iscrição.</s><s>Nesta fase, deverá reconfirmar no website da universidade de acolhimento se as disciplinas aprovadas na proposta do plano de estudos, aquando da i
- os Açores (indicados anteriormente).</s><s>A candidatura da universidade de acolhimento dentro do prazo estipulado pela mesma.</s><s>14 de janeiro de 2022 9 Es
- anexar no inforestudante, o Learning agreement da UAc e da Universidade de acolhimento devidamente assinados pelas três partes (Aluno + coordenador da UAc + R
- s três partes (Aluno + coordenador da UAc + Responsável da Universidade de acolhimento) e informar de seguida o GRE, via email.</s><s>Passos a seguir nesta fas
- documento deverá ser enviado junto com a documentação da Universidade de acolhimento para ser assinado e devolvido ao aluno.</s><s>2.</s><s>Após ter recebido

Figura 10 - Resultado do *concordance* com o candidato a termo “universidade de acolhimento”.

Esta etapa auxiliou o passo seguinte que tratou de selecionar dois exemplos do *concordance* acima para a observação e interpretação dos contextos, como figuram abaixo.

Contexto 1, PE.

Os estudantes em qualquer programa de mobilidade deverão pagar as suas propinas na UAc ficando isentos do seu pagamento na universidade de acolhimento, salvo no caso dos acordos de cooperação que estipulam expressamente a necessidade de pagamento de propinas na instituição de acolhimento. Toda a correspondência relativa à mobilidade é feita através de notificações no Inforestudante e através do e-mail de estudante.

Contexto 2, PE.

Estudar no estrangeiro ou em Portugal para estudos - Guia de candidatura online Submeter na plataforma todos os documentos solicitados pelo GRE dentro dos prazos estabelecidos. Respeitar os prazos estabelecidos pelas universidades parceiras para entrega de documentos Submeter na plataforma o documento comprovativo de chegada à universidade de acolhimento no prazo de 15 dias após a chegada e o comprovativo de partida da universidade de acolhimento no prazo de 15 dias após a partida daquela instituição. Em caso de desistência, informar o GRE e o/a Coordenador/a da mobilidade sobre essa intenção.

A partir dos contextos se pode inferir traços semânticos e pragmáticos que esclarecem o conceito da unidade terminológica.

Para concluir este processo, verificou-se no *corpus* de referência, o qual integra o rol dos *corpora* do *Sketch Engine*, se havia nesse tipo de *corpus* – não especializado, sem distinção entre as variantes da língua portuguesa - a presença deste candidato a termo.

Cabe mencionar que se utilizou um *corpus* de referência apenas como uma maneira de atestar a existência da unidade terminológica em um *corpus* distinto aos especializados compilados para esta investigação. Como se verá, o *corpus* de referência demonstra a existência do termo, mesmo com uma frequência relativa baixa em comparação ao *corpus* especializado. Dito isso, veja-se os passos dessa etapa.

O primeiro recurso usado foi o *Word Sketch*. Por meio dessa ferramenta, chegou-se ao seguinte resultado.

The screenshot shows the Word Sketch interface for the term "...de acolhimento". It displays a list of related terms with their respective frequencies and scores. The interface includes two checked options: "Show frequencies" and "Show scores".

Term	Frequency	Score	More
país país de acolhimento • concentrated in: science ? • concentrated in: history ?	3,605	8.4	...
família famílias de acolhimento • concentrated in: science ? • concentrated in: legal ?	3,487	8.1	...
instituição instituições de acolhimento • concentrated in: health ?	5,110	8.1	...
entidade entidades de acolhimento • concentrated in: politics & government ? • concentrated in: legal ?	1,576	7.8	...
lar lares de acolhimento • concentrated in: culture & entertainment ? • concentrated in: fiction ?	524	7.3	...
centro centros de acolhimento	5,580	7.3	...

Figura 11 - Listagem por geração semiautomática de unidades poliléxicas com o recurso Word Sketch no corpus de referência.

Outro recurso que está disponível no *Sketch Engine* é a análise dos *corpora* por Frequência Relativa. Tal recurso permite comparar *corpora* com tamanhos diferentes de maneira mais precisa, permitindo que os candidatos a termo sejam analisados e comparados dentro de seu contexto de uso sem o prejuízo de apresentar dados desproporcionais, já que a frequência relativa ajusta a ocorrência de uma unidade lexical ou terminológica para uma escala fixa de 1 milhão de palavras. Diferentemente do que

ocorre com a Frequência Absoluta que tem o cálculo do valor total das palavras do *corpus*³.
Veja-se.

Term	Frequency per million [?]		
	Focus	Reference	
76 Ação social	319.29	1.82	...
77 propina efetivamente paga	112.18	0.00	...
78 capa do agregado familiar	112.18	< 0.01	...
79 capa do agregado	112.18	< 0.01	...
80 universidade de acolhimento	112.18	< 0.01	...

Figura 12 - Imagem do recurso *relative frequency* por milhão de palavras (frequência relativa) no Sketch Engine.

Na imagem acima, se pode notar que a Frequência Relativa da unidade terminológica “universidade de acolhimento” no *corpus* especializado (*focus*) e o de referência (*reference*).

Esse fato apenas ilustra que “universidade de acolhimento” existe no *corpus* de referência com ocorrência muito menor quando aproximado ao *corpus* específico, consideradas as ressalvas mencionadas acima. Destaca-se ainda que o conceito de “universidade de acolhimento” é estável nos contextos em que aparece e apresenta relação semântica com outros termos do domínio como “programa de mobilidade”. Além disso, “universidade de acolhimento” apresenta um dos padrões formais correspondentes a termos, neste caso, N+ prep.+N.

³ Sketch Engine <https://www.sketchengine.eu/glossary/freqmill/>

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS UNIDADES TERMINOLÓGICAS

Nesta seção, apresentam-se uma breve análise das variantes em PE e PB - identificadas nos *corpora* compilados - cujos pormenores a respeito da metodologia foram apresentados mais detalhadamente no capítulo Metodologia e Constituição do Corpus. Recorda-se de que esta investigação foi motivada pela questão de saber se havia ou não termos entre as unidades léxicas utilizadas no domínio do ensino superior e gestão acadêmica. Nessa seção, buscou-se atestar a presença de tais unidades confirmadas por meio da análise linguística formal e conceitual proposta por Freixa (2014).

4.1. Análise das unidades terminológicas

Como se viu anteriormente, Freixa (2002; 2014) propõe uma classificação formal da variação terminológica denominativa. A autora apresenta sua tipologia em cinco blocos, sendo eles: alterações gráficas; morfossintáticas; reduções lexicais; e variações complexas, como vimos na figura 1.

É de conhecimento geral que variação se realiza mais predominante no nível lexical. Sabe-se também que, embora seja menos frequente em textos especializados, sua presença, quando constatada se faz notável. Nos discursos de especialidade, as variações tendem a se apresentar em reduções, em grafias e na morfossintaxe. Esse processo também foi observado em nossos *corpora*, nos quais se identificou os itens terminológicos que são expostos nessa sessão.

Como descrito na metodologia, esse estudo partiu de uma lista empírica inicial, elaborada com base na experiência da pesquisadora, que serviu como referência para a identificação dos candidatos a termo. No entanto, para garantir maior rigor na seleção, realizou-se uma análise dos *corpora* em PB e PE, resultando em uma segunda lista de candidatos a termo.

Esta análise foi conduzida de forma semiautomática, utilizando ferramentas de extração terminológica e análise de co-ocorrências para verificar a frequência e contextos dos termos. Além disso, a posição e o contexto de uso dos termos dentro dos discursos

foram examinados. Isso permitiu refinar a lista inicial, garantindo que a seleção dos termos fosse fundamentada em evidências linguísticas extraídas do *corpus*, para oferecer resultados mais precisos. Veja-se a segunda lista abaixo:

Português europeu (PE)
1. Licenciatura
2. Propina
3. Praxe
4. Júri
5. Universidade de acolhimento
6. Alturas de frequência
7. Anulação dos estudos
Português brasileiro (PB)
1. Trancamento de matrícula
2. Graduação
3. Colação de grau
4. Licenciatura
5. Banca
6. Histórico escolar
7. Bacharelado

Tabela 3 - Segunda tabela com os termos selecionados a partir dos *corpora*.

Quanto aos termos usados para descrever o grau de equivalência, priorizamos as contribuições de Dubuc (1985) por apresentar de maneira sucinta e didática o tema.

Em nosso estudo se selecionou dois dos cinco blocos observados em Freixa (2002; 2014) para análise formal. O primeiro trata das **variações lexicais** e o segundo das **variações complexas**. No bloco das alterações lexicais, a proposta é a que segue:

1. **unidades monoléxicas:** são formadas apenas por um lexema com significado completo.
2. **unidades poliléxicas:** são formadas por mais de um lexema que juntos ganham um significado específico; uma unidade de significado; locuções, expressões idiomáticas, termos compostos, são exemplos de unidades poliléxicas. Estas, por sua vez, podem apresentar alterações de base ou de extensão, como em “bien de consumo”/ “producto de consumo” - não foram identificados exemplos em nossos *corpora*-; “universidade de acolhimento” em PE/ “universidade de destino, em PB, com alterações na extensão,- são exemplos dos nossos *corpora*.

A distinção entre unidades monoléxicas e poliléxicas se faz relevante para a reflexão a respeito das variantes terminológicas, pois essa distinção impacta tanto os autores dos discursos quanto a sua audiência, dado que é o especialista que decide qual termo usar de acordo com o nível de especialização de seu público. O especialista escolhe entre um termo monoléxico ou poliléxico; tal escolha pode influenciar a clareza e a acessibilidade da comunicação, mesmo que esse processo não seja sempre consciente.

Além disso, a variação entre essas unidades – em nosso caso – está relacionada às diferenças entre as variedades da língua portuguesa, ou seja, diferenças culturais em que certos termos técnicos podem apresentar formações distintas, como “trancamento de matrícula” em PB e “anulação dos estudos” em PE, logo retomamos esse ponto.

Quanto ao eixo **variações complexas**, observa-se a seguinte caracterização:

1. **com parentesco formal** > monoléxica ou poliléxica, como se pode notar em nosso exemplo, “universidade de acolhimento” (PE) e “universidade de destino” (PB), a variante em PB, mantém a base – o que indica o parentesco formal -, mas manifesta alteração na extensão léxica da unidade. Ambas as unidades compartilham a mesma estrutura com a seguinte representação: [N+SP(pre+NP)] “universidade de acolhimento” e [N+SP(pre+NP)] “universidade de destino”.
2. **sem parentesco formal** > “licenciatura” (PE), [N] > “graduação” (PB) [N].

Vejamos a seguir esses dois eixos variantes de acordo com os candidatos a termo encontrados no *corpora*. Abaixo, apresentam-se as unidades monoléxicas encontradas no *corpus* PE com as variantes equivalente em PB.

O primeiro eixo refere-se às variações léxicas. Cabe lembrar que Freixa não faz distinção entre unidade lexical e unidade terminológica ao abordar esse tema. Entretanto, considera-se que se trata de unidades terminológicas uma vez que sua classificação é denominada “*Classificación formal de la variación denominativa*” (2014: 316).

Em nosso *corpus* em PE, identificamos quatro unidades monoléxicas: licenciatura, propina, praxe, júri, além de três unidades poliléxicas, como vistas na tabela inicial. Apresentamos uma análise mais detalhada nas próximas páginas.

Enquanto que no *corpus* em PB, identificamos igualmente quatro unidades monoléxicas e graduação, banca, licenciatura e bacharelado, .

1. **licenciatura**: é termo em PE e igualmente o é em PB, porém não representam variante uma da outra. Em outras palavras não são equivalentes. Veja-se o contexto em PE.

Contexto 1, *corpus* em PE “licenciatura”

“Só pode escolher instituições com as quais existe um acordo celebrado na sua área de estudo e para o ciclo de estudo (1.o ciclo Licenciatura, 2.o ciclo Mestrado ou 3.o ciclo Doutorado) que está matriculado. Por exemplo: se é estudante de licenciatura de Gestão, só pode escolher acordos celebrados na área de Gestão e para o 1.o ciclo”.

Contexto 2, *corpus* em PE “licenciatura”

“Os números referidos incluem Cursos Técnicos Superiores Profissionais, cursos de **Licenciatura**, cursos de Mestrados e pós-graduações não conferentes de grau.”

A partir dos contextos acima, depreende-se que a unidade monoléxica “licenciatura” em PE é variante, com equivalência total, sem parentesco formal da unidade monoléxica “graduação” em PB e vice-versa.

Contexto 1, *corpus* em PB “graduação”

“Para fins de obtenção da certificação ou validação da Acex, o discente deve, simultaneamente: I - estar regularmente matriculado(a) em curso de graduação ou pós-graduação da Ufac; II - cumprir, no mínimo, 75% (setenta_e_cinco por cento) de frequência na Acex.”

Contexto 2, *corpus* em PB “graduação”

“Para o estudante de graduação, a forma mais efetiva de participar da pesquisa científica é por meio do PIBIC - A Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação gerencia os Editais de Seleção para Iniciação Científica, os quais visam despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante participação em projetos.”

Além disso, é pertinente reiterar que “licenciatura” também é um termo do domínio do ensino superior em PB. Veja-se os contextos abaixo.

Contexto 1, *corpus* em PB “licenciatura”

“PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Exclusivo para os estudantes dos cursos de licenciatura, o PIBID visa promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola”.

Contexto 2, *corpus* em PB “licenciatura”

“O programa tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica”.

Após, observar os contextos acima, se pode confirmar que “licenciatura” em PB não é variante de “licenciatura” em PE, dado que em PB este termo designa o curso de graduação específico que forma para a carreira de professor(a). Nesse caso, a unidade terminológica mantém a mesma denominação, em ambas as variantes; porém, ativa conceitos distintos em cada variante, conforme o uso e interpretação dentro de suas respectivas comunidades.

2. **propina**: denomina uma unidade terminológica em PE, porém, representa em PB unidade lexical da língua comum não especializada.

Contexto 1, *corpus* em PE “propina”

“As propinas e o alojamento podem ser pagos na Tesouraria (se disponível o atendimento presencial) ou nas caixas Multibanco - O prazo de pagamento das propinas é entre dia 1 e dia 27 do respetivo mês”

Contexto 2, *corpus* em PE “propina”

“Os estudantes em qualquer programa de mobilidade deverão pagar as suas propinas na UAc ficando isentos do seu pagamento na universidade de acolhimento, salvo no caso dos acordos de cooperação que estipulam expressamente a necessidade de pagamento de propinas na instituição de acolhimento”.

Como já se esperava, não foi possível encontrar no *corpus* PB a unidade léxica “propina”, já que não é a variante equivalente comum neste domínio, nem termo em PB. Em PB o item lexical que representa parcialmente a ideia de “propina” é “mensalidade”, o qual não equivale a um termo em PB.

Reitera-se que, neste caso, há apenas a equivalência parcial entre os termos monoléxicos, sem parentesco formal. Isso ocorre porque ambas as unidades compartilham um traço de semelhança, pois, designam “o pagamento realizado a uma instituição de educação para cursar um ano acadêmico”. Entretanto, há distinções significativas. Em PE, o termo “propina” refere-se ao “valor pago para acessar o ensino superior, podendo abranger pagamentos semestrais ou anuais; sem indicação de pagamentos mensais. Por outro lado, em PB, a unidade “mensalidade” implica

necessariamente um pagamento mensal, o que torna inviável a equivalência total entre as unidades.

Outro elemento que reforça essa distinção é o contexto de uso. Em PE, o uso é institucional, específico do cotidiano acadêmico. Além disso, há o aspecto cultural também implicado, dado que em Portugal se paga propina para frequentar a universidade pública, o que não ocorre nas universidades públicas no Brasil. Para além disso, o item “mensalidade” é um elemento lexical da língua comum, utilizado em diversos contextos do cotidiano, abrangendo outros níveis de ensino, como a mensalidade da escola fundamental. Esse uso estendido contrasta com a especificidade do termo “propina” em PE, restrito ao ensino superior.

Destacamos igualmente que “propina” representa uma unidade lexical da língua comum em PB com conotações negativas, relacionado a suborno, à corrupção; fora do domínio do ensino superior.

3. **praxe**: é uma unidade terminológica em PE. Esta unidade monoléxica não consta do *corpus* especializado em PB.

Contexto 1, *corpus* em PE “praxe ou praxes”

“(tradicionalmente no Largo do Carmo) uma sessão de Fado de Coimbra 1. O segundo é a Semana Académica, decorrendo no mês de Maio. Este tem como principal objectivo a comemoração da passagem de perus a caloiros, assim como assinalar o término das praxes.”

Contexto 2, *corpus* em PE “praxe”

“Universidade do Algarve Artigo 16o - Deveres A Besta tem obrigações específicas, criadas para preservar a Cultura e o Ambiente, as quais passamos a enumerar: a) Comparecer a todos os eventos organizados pelos seus ILUSTRES ACADÉMICOS; b) Ser moderado no uso da palavra, respondendo apenas quando interpelado; c) Deverá ser servil, obediente e resignada; d) A besta não tem opinião sobre a matéria; e) A besta de modo curial terá que ser peremptória quanto á sua abstinência a actos de onanismo e reflexos misóginos ou apandríacos; f) A besta não ri, logo não mostra os dentes; g) A besta não olha nos olhos; h) A besta não fuma; i) A besta terá que se manter sempre num plano inferior ao dos praxantes; j) A besta mostrar-se-á sempre respeitosa para com a INSIGNE PERSONA, tanto verbalmente como através da sua linguagem corporal; k) A besta tem de ser solidária para com as outras bestas, acompanhando-as na praxe sempre que não esteja sob outra praxe ; l) A besta não reclama; m) Se a besta não se encontrar em períodos lectivos, estará automaticamente convocada e sob praxe.”

Como se pode depreender dos contextos acima, o termo em PE “praxe” insere-se no domínio do ensino superior em PE. A sua ausência no *corpus* em PB pode indicar que

apesar de existir a denominação “praxe” em PB, ela aparece somente em contextos da língua comum, bem como constitui parte integrante de expressões fixas como “como manda a praxe”, “é de praxe”.

A variante equivalente em PB para “praxe” é a unidade monoléxica “trote”, sem parentesco formal. Veja-se os contextos abaixo.

Contexto 1, *corpus* em PB “trote”

“Trote não Na Universidade, deve prevalecer o ambiente de convivência saudável e de civilidade. O Conselho Universitário, por meio da Resolução no 13/2003, proíbe o **trote** aos calouros com o uso de violência física ou simbólica, constrangimentos ou humilhações.”

Contexto 2, *corpus* em PB “trote”

“O **trote** com violência não é legal. Denuncie. (0xx11) 3385-4102 trotena@unifesp.br.”

O termo “trote” não consta do *corpus* especializado em PE, assim como “praxe” não consta em PB.

4. **júri**: é termo em PE dentro do domínio estudado. Também é termo em PB, mas em PB não se insere no domínio do ensino superior, e sim no domínio do jurídico.

Contexto 1, *corpus* em PE “júri”

“a versão final da Tese/D/TP/RE com as alterações sugeridas pelo júri, incluindo a seguir à folha de rosto, uma página com a constituição do júri, acompanhada da declaração do orientador validando a introdução das correções na versão final.”

Contexto 2, *corpus* em PE “júri”

“Envergarem vestuário adequado à formalidade do contexto, tendo em especial consideração os momentos de avaliação que incluam provas orais e provas públicas perante o júri evitando peças de roupa inapropriadas para a formalidade do ato (nomeadamente, não usar boné, shorts de praia, chinelos).”

Como se pode inferir dos contextos acima, o termo “júri” encontra variante equivalente em PB no termo “banca”. Veja-se os contextos em PB.

Contexto 1, *corpus* em PB “banca”

“Como faço a marcação do Exame de Qualificação, da Defesa de Dissertação e Defesa de Tese? A marcação é feita no Sistema Acadêmico pelo(a) aluno (a). Após indicação da banca e aprovação pela orientação, a banca é homologada em Colegiado.”

Contexto 1, *corpus* em PB “banca”

“Na Defesa Final de Mestrado a banca será composta pelo(a) orientador (a) e mais dois professores; e de Doutorado, pelo(a) orientador (a) e mais quatro professores, todos com titulação de doutor.”

Ao observar as unidades acima, nota-se que as variantes equivalentes em PB também se manifestam como unidades monoléxicas, o que é relevante, pois apresentam não só equivalência conceitual, mas ainda a equivalência formal; porém sem parentesco formal.

Vejamos a seguir essas as unidades poliléxicas encontradas no *corpus* PE com as variantes em PB.

5. universidade de acolhimento: é um termo poliléxico utilizado em PE. Sua variante equivalente, com parentesco formal em PB apresenta alteração na extensão “universidade de destino”. Como vimos acima, ambas contam com a mesma representação formal [N+SP (prep+N)] “universidade de acolhimento” e [N+SP (prep+N)] “universidade de destino”.

Nota-se que a alteração ocorrida na extensão do termo complexo, nomeadamente, “acolhimento” e “destino” não apresenta relação semântica tradicional como sinonímia ou hiperonímia. Entretanto, observa-se que tais extensões demonstram relação ⁴semântica textual, o que pode ser um dos elementos esclarecedores em contextos PB. Tal fato pode igualmente constituir-se como elemento ativador conceitual, o que auxiliaria a recuperação de equivalentes. Além disso, a inalteração da base em ambas as unidades “universidade” parece ser o aspecto estabilizador da ativação conceitual.

Contexto 1, *corpus* em PE “universidade de acolhimento”

“Todos os alunos devem aceder à sua inscrição aceite e criar a sua candidatura, no inforestudante, nas seguintes datas: Erasmus: 1 de maio a 30 junho para Mobilidades no 1.o semestre/um ano letivo; 1 outubro a 30 de novembro para Mobilidades no 2.o semestre. Estudar no estrangeiro ou em Portugal para estudos. No entanto, se o prazo da universidade de acolhimento for anterior ao

⁴De acordo com Chollier (2014:79), textual semantics focuses on the linguistic constraints imposed on readers’ interpretative processes, not on truth, objects or subjects. The text is its minimal working unit with morphemes being minimal linguistic entities and semes minimal semantic units. Meaning is described as semantic traits (semes and clusters of semes) which are actualized and virtualized by an interpreter whose interpretation process temporarily stabilizes connections which are originally not reified.

prazo estipulado pela UAc, os alunos deverão terminar a candidatura até ao prazo dado pela universidade de acolhimento.”

Contexto 2, *corpus* em PE “universidade de acolhimento”

“A análise e aprovação de Acordos Bilaterais propostos por instituições de ensino superior de outros países. Aprovação da seleção e seriação dos/as candidatos/as, de acordo com as regras estipuladas no Regulamento das mobilidades outgoing. A orientação do/a estudante na escolha da universidade de acolhimento e na elaboração do Contrato de Estudos (Learning Agreement) que será enviado à instituição de acolhimento.”

A partir dos contextos acima, compreende-se que “universidade de acolhimento” tem equivalente em PB com “universidade de destino”. Como se pode notar no contexto abaixo, “instituições anfitriãs” funciona como sinónimo em PB de “universidade de destino.”

Contexto 1, *corpus* em PB “universidade de destino”

“A Mobilidade Acadêmica Internacional Virtual está prevista do Regimento Geral da Graduação da UFPB e visa integrar a UFPB a instituições de educação superior estabelecidas em outro país, dando aos discentes a oportunidade de cursar componentes curriculares de modo virtual. PROMOBÍ: Destina-se aos alunos de graduação da UFPB interessados em cursar um ou dois semestres de mobilidade acadêmica internacional em uma das universidades com as quais a UFPB possui convênio ativo, sendo possível o reconhecimento dos componentes curriculares cursados nas instituições anfitriãs estrangeiras, após análise e aprovação das coordenações dos cursos de graduação da UFPB. O PROMOBÍ não disponibiliza bolsa ou ajuda de custo aos estudantes, porém, normalmente, estudantes da UFPB são beneficiados com isenção de taxas acadêmicas (semestralidade/anuidade) na universidade parceira. As datas exatas dos semestres podem variar dependendo da universidade de destino. A lista de universidades parceiras é constantemente atualizada, sempre que novos acordos de cooperação são firmados. O mapa de cooperação internacional com a lista de universidades parceiras da UFPB está disponível no site da ACI. Programa Linnaeus-Palme (Örebro Universitet - Suécia).”

No *corpus* em PB foi encontrado apenas um contexto em que se identificou “universidade de destino”.

6. alturas de frequências: é termo em PE, mas não ocorreu variante equivalente no *corpus* em PB. No entanto, sabe-se que, por experiência no domínio, “fase de provas” é um termo especializado, porém, comum aos alunos do ensino superior, sem portanto, essa unidade terminológica é termo em PB e variante equivalente de “alturas de frequências”

Contexto 1, *corpus* em PE “alturas de frequências”

“A mais perto da FCSH é a biblioteca que se encontra em frente ao edifício da faculdade e é nesta que encontras todas as obras e livros da tua área de estudo. Esta biblioteca encontra-se aberta nos seguintes horários: 2.a a 6.a feira, período aulas 09.00h às 20.00h 2.a a 6.a feira, período férias 09.00h às 12.30h | 14.00h às 18.00h Sábados 09.00h às 13.00h Sobretudo nas alturas de frequências e exames tens à tua disposição, na FCSH, a Sala de Estudo 24h Royal Prime e que pode ser acedida através do teu cartão de estudante.”

7. anulação de matrícula: é termo em PE, com variante equivalente “trancamento de matrícula” em PB, com apenas uma ocorrência no *corpus* em PB. Nesse caso, temos unidades poliléxicas, sem parentesco formal, com alternância na base, representada [N+SP(pre+NP)] .

Contexto 1, *corpus* em PE “anulação de matrícula”

“Ao requerer a anulação de matrícula, pode posteriormente candidatar-se a reingresso no mesmo curso ou em curso que o suceda, nos prazos estabelecidos anualmente por despacho reitoral, não podendo, contudo, fazê-lo nas seguintes condições: No caso de requerer anulação da matrícula até 31 de outubro no ano letivo em que ingressa, sendo neste caso necessário candidatar-se de novo a ingresso. No caso de requerer anulação após 31 de outubro, não pode no ano letivo subsequente reingressar, pois a lei impõe que haja um ano letivo de interrupção dos estudos para poder ser efetuado o reingresso, podendo, contudo, reingressar em anos posteriores.”

Contexto 2, *corpus* em PE “anulação de matrícula”

“Os estudantes a quem for indeferida a concessão da bolsa, tem 30 dias após a data da notificação do indeferimento para entregar comprovativo do indeferimento da bolsa, podendo neste prazo: - Liquidar a dívida das prestações vencidas sem pagamento da taxa de juro ou - Requerer a **anulação** da matrícula e inscrições, ficando isento do pagamento das prestações vencidas e vincendas de propina. Contudo, neste caso são anuladas todas as aprovações em unidades curriculares e creditações obtidas.”

Contexto 1, *corpus* em PB “trancamento de matrícula”

“O trancamento da matrícula consiste na suspensão temporária, requerida pelo estudante, de todas as atividades académicas de graduação, sem perda do vínculo regular com a Ufes.”

Contexto 2, *corpus* em PB “trancamento de matrícula”

Há dois tipos de **trancamento** de matrícula: a) o trancamento total e b) o trancamento parcial. O primeiro é quando o/a estudante solicita o trancamento de todos os componentes curriculares cursados em um semestre; já o segundo é quando ele/a solicita o trancamento de um ou alguns componentes específicos. Ambos devem ser solicitados no SIAC Aluno até cerca de um quarto do tempo do semestre

8. **certidão de estudos**: é termo em PE, tendo como variante equivalente em PB a unidade poliléxica, sem parentesco formal, “histórico escolar.”

Contexto 1, *corpus* em PE “certidão de estudos”

9. **colação de grau**: é termo em PB sem variante equivalente em PE.

Contexto 1, *corpus* em PB “colação de grau”

“Consiste na instrução processual para colação de grau e demais atos preparatórios da cerimônia, desde o agendamento até a entrega do diploma. Assim, para mais compreensão a respeito do conteúdo conceitual em PB das unidades léxicas encontradas em PE, vejamos.”

Contexto 2, *corpus* em PB “colação de grau”

“Após a colação de grau, o formando deverá solicitar seu diploma na escolaridade do Campus, pagando a taxa de serviço correspondente.”

10. **histórico escolar**: é termo em PB, sem variante equivalente no *corpus* em PE. No entanto, sabe-se por conhecimento anterior à análise do *corpus* que em PE o termo variante equivalente é “certidão de estudos”.

Contexto 1, *corpus* em PB “histórico escolar”

“O CR é calculado da seguinte maneira: "o somatório da carga horária de cada componente curricular cursado multiplicado pela respectiva nota, dividido pelo somatório das cargas horárias cursadas. As reprovações por falta são computadas como nota zero. Todos os componentes curriculares que apresentam nota no histórico escolar devem ser contabilizados" (Resolução 02 de 2017 CAE). Ou seja, qualquer disciplina cursada – obrigatória e optativa – conta para o cálculo do CR e reprovações por falta são particularmente graves, porque baixam muito a média do CR.”

Contexto 2, *corpus* em PB “histórico escolar”

“Estudantes (Enade) é componente curricular obrigatório aos cursos de graduação, conforme determina a Lei no 10.861/2004. É aplicado periodicamente aos estudantes de todos os cursos de graduação, durante o primeiro (ingressantes) e último (concluintes) ano do curso. Será inscrita no histórico escolar do estudante somente a situação regular em relação a essa obrigação, atestada pela sua efetiva participação ou, quando for o caso, dispensa oficial pelo Ministério da Educação.”

11. **bacharelado**: É termo em PB, sem variante equivalente em PE.

Contexto 1, *corpus* em PB “bacharelado”

“NOÇÕES CONCEITUAIS Curso de Graduação É o conjunto de estudos organizados e previstos em currículo, pertinente à formação de bacharel ou de licenciado. Bacharelado - Curso de Graduação que confere o grau de bacharel para o exercício profissional em determinada área do saber Licenciatura - Curso de Graduação que confere o grau de licenciado para o exercício da docência na Educação Básica.”

Contexto 2, *corpus* em PB “bacharelado”

“O bacharelado habilita o portador a exercer uma profissão de nível superior e a licenciatura habilita o portador para o exercício do magistério nos ensinos fundamental e médio.”

Como se pode notar, a falta de conhecimento acerca do conceito ativado por essas unidades denominativas pode gerar falhas na comunicação. Para além disso, tais falhas frequentemente passam despercebidas, pois há uma falsa familiaridade com essas unidades - dado que as formas permanecem inalteradas, em muitos casos - como se viu em “propina” ou “licenciatura” -, que leva à ativação de conceitos equivocados, e se não for devidamente esclarecida, pode comprometer a interpretação e uso adequado dos termos de acordo com seus contextos. Esse fenômeno destaca a relevância de estudos intralinguísticos, mesmo iniciais, como este.

4.2. Síntese

A análise exposta permitiu identificar as variantes PE e PB, bem como classificá-las como formas monoléxicas e poliléxicas, com e sem parentesco formal. Tais características podem indicar – em estudos futuros e mais aprofundados - as mudanças de ponto de vista e os impactos culturais nas denominações, sobretudo, nos conceitos. Para além disso, se pode igualmente observar o nível de equivalência entre alguns dos termos, bem como reforçar que a equivalência total entre variantes terminológicas continua a ser um desafio. Esses aspectos ressaltam a influência de fatores linguísticos, institucionais e socioculturais nas terminologias que impacta diretamente a comunicação especializada.

Para finalizar, reconhecemos que a quantidade de termos identificados em nossos *corpora* em PE e PB foi menor do que o esperado. Entretanto, os termos encontrados forneceram dados essenciais para uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos da variação terminológica, o que contribuiu para o entendimento das relações entre as variantes analisadas. Além disso, tivemos a possibilidade de responder à questão de investigação, que buscava identificar a existência de termos entre as variantes diatópicas da língua portuguesa em uso no ensino superior e na gestão acadêmica.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO

Este trabalho de investigação em Terminologia traçou como objetivos identificar, analisar e apresentar as unidades terminológicas no domínio da vida universitária de acordo com seus contextos.

Ao final desse processo, podemos concluir que a análise das variantes terminológicas demonstrou não apenas traços distintivos observados na variação denominativa como na unidade poliléxica “anulação dos estudos”, mas também evidenciou como a variação terminológica conceitual pode estar ativa até com termos com denominações idênticas como em “licenciatura” que em cada variante da língua portuguesa, PE ou PB, possui seus traços próprios de sentido.

Constatamos igualmente que o grau “sem-equivalência” ou “vazio de equivalência” pode ocorrer mesmo no estudo intralinguístico, como revelaram nossos *corpora*, em que não foi possível encontrar variante equivalente em PE para “colação de grau” (PB).

Esses dados reforçam o valor de estudos intralinguísticos para a produção de produtos terminológicos, especialmente em contextos que envolvem políticas educacionais e/ou linguísticas e mobilidade acadêmica.

Para isso compilamos dois *corpora* para observar a produção discursiva textual em PB e PE em seus contextos, bem como estabelecer equivalências a partir da variação denominativa identificada no *corpus* em PE em relação a PB com base na análise textual dos *corpora* compilados. Ainda apresentamos como atividade final um modelo de glossário terminográfico intralinguístico.

Confessamos que a nossa expectativa era grande para que houvesse grandes diferenças em relação às variantes no domínio da vida universitária e gestão acadêmica. Entretanto, esse estudo demonstra um número reduzido de variantes terminológicas que causam ruído na comunicação no domínio referido. Sabe-se que na língua corrente, há muitas variantes léxicas entre PE e PB e igualmente se sabe que - como demonstrou o estudo de André (2023) - no processo pré-universitário também há várias variantes que precisam ser esclarecidas para evitar falhas na comunicação, como o termo “gabaritar”. No entanto, no nosso caso, o número foi menor do que o esperado. Embora o número de variantes terminológicas tenha sido reduzido, ele proporcionou reflexão e aprendizagem.

5.1. Respostas da investigação

Ao término desta investigação constatamos que realizamos o percurso traçado inicialmente, uma vez que identificamos alguns dos termos em PE e PB usados no domínio do ensino superior e subdomínio vida e gestão universitária de acordo com os contextos extraídos dos *corpora* compilados para essa pesquisa. Reiteramos que iniciamos este estudo com o objetivo de verificar se havia variantes terminológicas, entre as variantes constatadas em PE e PB, o que foi possível demonstrar.

Ademais, a análise dos *corpora* em PE e PB permitiu identificar que algumas unidades terminológicas apresentam equivalência em três graus: total, parcial e vazio de equivalência, destacando o papel tanto da variante denominativa quanto conceitual. Essa análise ainda possibilitou compreender que a distinção entre variação denominativa e conceitual nem sempre é nítida e que a cognição é intrínseca a esse processo, desempenhando um o papel central nos estudos de variação terminológica.

5.2. Limites da investigação

Embora este estudo tenha contribuído para a identificação e análise das variantes terminológicas entre PE e PB, algumas limitações devem ser reconhecidas.

A primeira diz respeito à constituição do corpus. Acreditamos que se tivéssemos inserido mais variedade e quantidade de textos, poderíamos acessar mais contextos para análises.

A segunda está relacionada às questões da equivalência, as quais requerem interpretação qualitativa, por isso, seria uma mais valia desenvolver mais experiência com a temática.

Apesar dessas limitações, consideramos que este estudo pode contribuir para a compreensão da variação terminológica intralinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, I. M.; Jesus, A.M.R. (2009). Estabelecimento de equivalências em terminologia multilíngue no campo da astronomia. *ABRALIN*.

André, M. A. S. I. (2023). *Ciências da linguagem e atividade profissional: questões de variação linguística*. Universidade do Algarve.

Bessé, B.; Nkwenti-Azeh, B.; Sager, J.C. (2011). *Glossary of terms used in terminology*.

Bowker, L.; Pearson, J. (2002). *Working with Specialized Languages. A Practical Guide to Using Corpora*. Routledge.

Bowker, L.; Hawkins, S. (2006). Terminology. *International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*.12(1). John Benjamins Publishing Company. pp. 79-110.

Cabré, M. Teresa Castellví (1993). *Terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Editorial Antártida/Empúries.

Calvet, L. (2009). *Sociolinguistique*. PUF: Presses Universitaires de France.

Conceição, M.C. (1994). *Da terminologia à Socioterminologia: análise do vocabulário da citricultura*. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa).

Conceição, M.C. (2001). *Termes et reformulations*, Tese de doutoramento em Linguística. Universidade Nova de Lisboa.

Conceição, M.C. (2005). *Concepts, termes et reformulations*. Presse Universitaires de Lyon : Lyon.

Conceição, M.C. (2018). Português na casa do mundo: Terminologias e políticas linguísticas. In Barroso, H. (Coord.). *Português na Casa do Mundo*, Hoje. Edições Húmus, pp: 27-38.

Conceição, M.C.; Zanola, M.T. (2020). *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades*. Universidade do Algarve Editora.

Contente, M. (2008). *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*. Edições Colibri.

Costa, L., Fernández-Silva, S. (2018). A variação denominativa explícita na lexicografia no Brasil. *Ibérica*, (36), pp: 93-118.

Costa, L., Fernández-Silva, S.; & Spanghero, V. R. (2020). A incidência da variação denominativa na compreensão do conceito especializado na área da lexicografia: um estudo com universitários brasileiros. *Forum linguistic*, 17 (3), pp. 5018-5033.

Chanut, M. E. P. (2012). A noção de equivalência e sua especificidade na tradução especializada. *TradTerm*, v. 19, pp. 43-70.

Chollier, C. (2014). Textual Semantics and Literature: Corpus, Texts, Translation. *Signata*, 5. pp. 77-99. doi: 10.4000/signata.461

Drouin, P.; Francoeur, A.; Humbley, J.; Picton, A. (2017). *Multiple Perspectives on Terminological Variation*. John Benjamins Publishing Company.

Dubuc, R. (1985). *Manuel pratique de terminologie*. 2.ed. Québec: Linguattech.

Dufour, F. (2004). Socioterminologie, une approche sociolinguistique de la terminologie. *Cahiers de praxématique*.

Faulstich, E. (2001). Aspectos de Terminologia Geral e Terminologia Variacionista. *TradTerm*, (7), pp.11 - 40.

Finatto, M. J. B.; Krieger, Maria da Graça. (2021). *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. Editora Contexto.

Finatto, M. J. B. & Tcacenco, L. M. (2021). Tradução intralinguística, estratégias de equivalência e acessibilidade textual e terminológica. *Tradterm*, 37(n.1), pp: 30-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511>.

Freixa, J. (2002). *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidad de Barcelona.

Freixa, J. (2005). Variación terminológica: ¿Por qué y para qué?, in *Meta*, vol. 50.

Freixa, J. (2006). Causes of denominative variation in terminology. *Terminology*, 12 (n.1), pp. 51–77.

Freixa, J. (2013). Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Debate Terminológico*. (n. 9), pp. 38-46.

Freixa, J. (2014). La variación denominativa em terminología: tipos y causas. in Isquierdo, A.; G. Dal Corno. (Org.) *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande. Editora UFMS, pp. 311-329.

Gambier, Y. (1991). Travail et vocabulaire spécialisés : prolégomènes à une socio-terminologie. *Meta*, 36(n.1), pp. 8–15.

Gaudin, F. (2005) La socioterminologie. *Langages*, (n.157). pp.80-92;

Jesus, A. M. R. (2022). Os desafios teórico-práticos da definição terminológica. *Entrepalavras*, Fortaleza, 11, (n. 2), e2090, pp. 380-396. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2090.

Kostina, I. (2010). *La variación conceptual de los términos en el discurso especializado*. Tese de Doutorado, Universitat Pompeu Fabra.

Krebs, L. M. (2016). *Terminologia e variação conceitual: um estudo de interface com ontologias*. Dissertação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Lázaro, J. (2020). *Forma y función del ejemplo en terminología*. Editorial UABC. Universidad Autónoma de Baja California.

León-Araúz, P.; García, M. C. (2020) “Term and translation variation of multi-word terms.” In Mogorrón, H. P. *Análisis multidisciplinar del fenómeno de la variación fraseológica en traducción e interpretación*. [Multidisciplinary Analysis of the Phenomenon of Phraseological Variation in Translation and Interpreting]. *MonTI Special*, (6), pp. 210-247.

L’homme, M. (2020) *Lexical Semantics for Terminology*. John Benjamins Publishing Company.

Maia, I. (2010). *Variação terminológica em textos de especialidade*. O caso VIH/SIDA. (Universidade Nova de Lisboa).

Martins, S.C. (2022). A variação nas terminologias pela perspectiva cognitiva: o caso da fauna e da flora. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 61.(1), pp. 60-70, doi.org/10.1590/010318131136321420211206

Mateus, M. H. M.; Caldeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Editorial Caminho.

Moreira, G. L. M., Cabré, M. T., Fathi, B., Lorente, C. M. (2022) Terminologia, discursos profissionais e linguagem de especialidade. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 61, (n. 1), pp. 1–4.

Panou, D. (2013). Equivalence in Translation Theories: A Critical Evaluation. *Theory and Practice in Language Studies*, 3 (n.1), pp.1-6. doi:10.4304/tpls.3.1.1-6.

Pavel, S.; Nolet, D.; Faulstich. E. (2002). *Manual de Terminologia: Direção de Terminologia e Normalização*. Departamento de Tradução do Governo Canadense.

Petter, M. (2002). *Linguagem, Língua e Linguística*. In: FIORIN, José Luiz (Org.) Introdução à Linguística. Vol.1. Objetos Teóricos, Contexto: São Paulo: 11-23.

Pym, A. (2014). *Exploring translation theories*. Routledge.

Ramisch, C. (2012). *A generic and open framework for multiword expressions treatment: from acquisition to applications*. Computation and Language. Université de Grenoble.

Ribeiro, P. T. (2020). *Análise da variação terminológica entre o português europeu e o português brasileiro: o caso dos produtos para a saúde*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).

Serra, L. H.; Araújo, M. de. (2020). Variação terminológica denominativa no universo da cana-de-açúcar: um estudo de fatores condicionantes. *Tradterm*, 36, pp.155-176. doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v36p155-176

Silva-Brito, M.P.A.S. (2015). *Equivalência e Variação em Medicina Dentária: a harmonização terminológica no caso da cárie dentária*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Nova de Lisboa.

Snell-Hornby, M. (2012). *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?* Benjamins Translation Library, (66).

Temmerman, R. (2000). *Towards New Ways of Terminology Description. The Sociocognitive Approach*. John Benjamins Publishing Company.

Vinay, J.P.; Darbelnet, J. (1972). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Didier.

Zethsen, K. K. & Hill-Madsen, A. (2016). Intralingual Translation and Its Place within Translation Studies – A Theoretical Discussion. *Meta*, 61(3), pp. 692–708. <https://doi.org/10.7202/1039225ar>